

PLANO POLÍTICO
E PEDAGÓGICO
2019

ESCOLAS LIVRES DE SANTO ANDRÉ



PREFEITURA DE
SANTO ANDRÉ
MOVIDOS PELA NOSSA GENTE, ORGULHO EM CUIDAR DE VOCÊ

Escolas Livres de Santo André

Plano Político e Pedagógico 2019

Santo André, dezembro de 2019



Ficha técnica

Secretária de Cultura **Simone Zárate**

Secretária Adjunta de Cultura **Azê Diniz**

Diretor do Departamento de Cultura **Gabriel Guedes Rapassi**

Assessora de Diretoria **Valéria Fonseca**

Gerente de Incentivo à Criação Artística **Vânia Cristina Ribeiro**

Coordenador do Programa de Incentivo à Criação Artística **Antonio Inácio Siqueira Junior**

Encarregada de Oficinas Culturais **Mariana França**

Apoio **Gabriela Simioni**

Escola Livre de Cinema e Vídeo

Encarregada **Ana Cristina da Silva**

Coordenador **Diaulas Ulysses**

Apoio **Vanda Maria Chaves Leal**

Corpo Docente **Adriane Santos Ferreira Gonçalves, André Grejio, Gal Buitoni, Carla Gallo, Chico Santos, Claudia Pucci Abrahão, Gustavo Brandão, Júlio Pessoa, Luciana Canton, Lucio Kodato, Luiz Roberto Lopreto, Milton Bísaro, Rafael Mellim e Tarsila Araújo**

Escola Livre de Dança

Encarregada **Ana Cristina Dezoti**

Coordenadores **André Bizerra, Paula Petreca e Samanta Roque**

Apoio **Maria Inês Carvalho, Edinilza Duran e Valdene dos Santos**

Corpo Docente **Beatriz Sano, Camila Bronizeski, Caio Paduan, Cristiane Santos, Kanzelumuka, Luciana Nunes, Paula Petreca, Samira Marana e Suzana Bayona**

Escola Livre de Teatro

Encarregada **Elizabete Barbosa**

Coordenadores Pedagógicos **Camila Bolaffi, Judson Cabral e Patricia Gifford**

Coordenador de Produção **Fernando Gimenes**

Apoio **Daniel Francisco de Melo e Paulo Varela**

Corpo Docente **Alexandre Tenório, Antonio Salvador, Ave Terrena Alves, Camila Bolaffi, Cristina Rocha, Dione Carlos, Erika Moura, Felipe de Menezes, Fernanda Azevedo, Gisele Calazans, Heraldo Firmino, Jean Pierre Kaletrianos, Judson Cabral, Laura Brauer, Lígia Helena Almeida, Luciano Mendes de Jesus, Luiz Fernando Marques, Lucia Gayotto, Osvaldo Hortêncio e Patricia Gifford, Valquíria Rosa**

Escola Municipal de Iniciação Artística

Encarregada **Silvia Biedermann**

Coordenadora **Michele Navarro**

Apoio **Sidnei Marcio de Oliveira, Valdira Correa M. de Medeiros e Alexandre dos Santos**

Artistas educadores **Denise Bruno (circo), Rosana Damas (teatro), Paula Pedroso (artes visuais), Caio Andreatta (música), Fabio Marques (artes visuais e cerâmica), Maíra Vaz Valente (artes visuais), Valeria Rocha (teatro)**

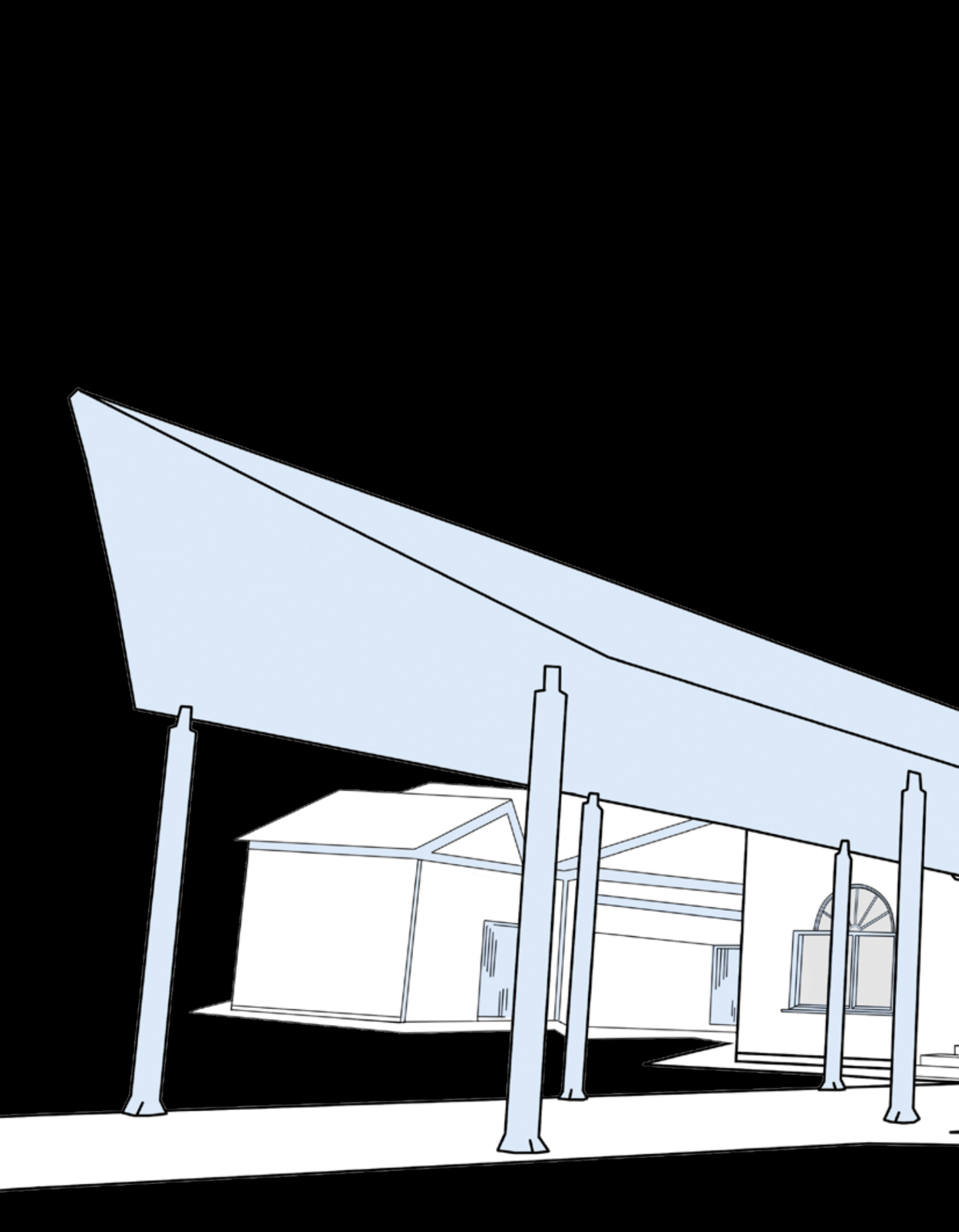
ESCOLAS LIVRES DE SANTO ANDRÉ

Plano Político e Pedagógico 2019

As Escolas Livres de Santo André _ Escola Livre de Teatro (ELT), Escola Livre de Dança (ELD), Escola Livre de Cinema e Vídeo (ELCV) e Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA) _ fazem parte do programa de Incentivo à Criação Artística da Secretaria de Cultura do município. Em 2018, foi lançado um desafio a essas escolas: discutir a prática pedagógica existente em cada uma com suas comunidades, sistematizar essa pedagogia num plano político-pedagógico e tornar público esses documentos. Desde então, cada escola iniciou um processo próprio para aprofundar discussões internas que foi conduzido por seus coordenadores artístico-pedagógicos. Nesse processo, foram mobilizados alunos, familiares, professores e funcionários, construindo textos a muitas mãos e propiciando um grande momento de reflexão interna. Agora, esses documentos estão sendo entregues à sociedade.

O conceito de livre foi sempre uma opção consciente dessas escolas, na tentativa de manter suas pedagogias sempre conectadas à contemporaneidade, à sociedade em constante transformação. Então, esses documentos não são definitivos, precisam ser periodicamente revisados para garantir que os processos mantenham-se fiéis ao seu tempo. Mas são textos fundamentais para deixar transparentes os processos vivenciados, que transformaram e transformam a vida de tantas pessoas. Muitos profissionais das artes reconhecem que as escolas livres de Santo André foram parte importante de sua trajetória formativa. Esses textos agora produzidos vão possibilitar que um número maior de pessoas se aproprie desses projetos, entendendo a importância do ensino público artístico de qualidade. O ensino da arte de forma acessível, conectado com seu tempo e a realidade de seus territórios, transforma pessoas. A vivência e o compartilhamento de processos criativos transformam pessoas. Pessoas transformam o mundo.

Santo André, 13 de dezembro de 2019.



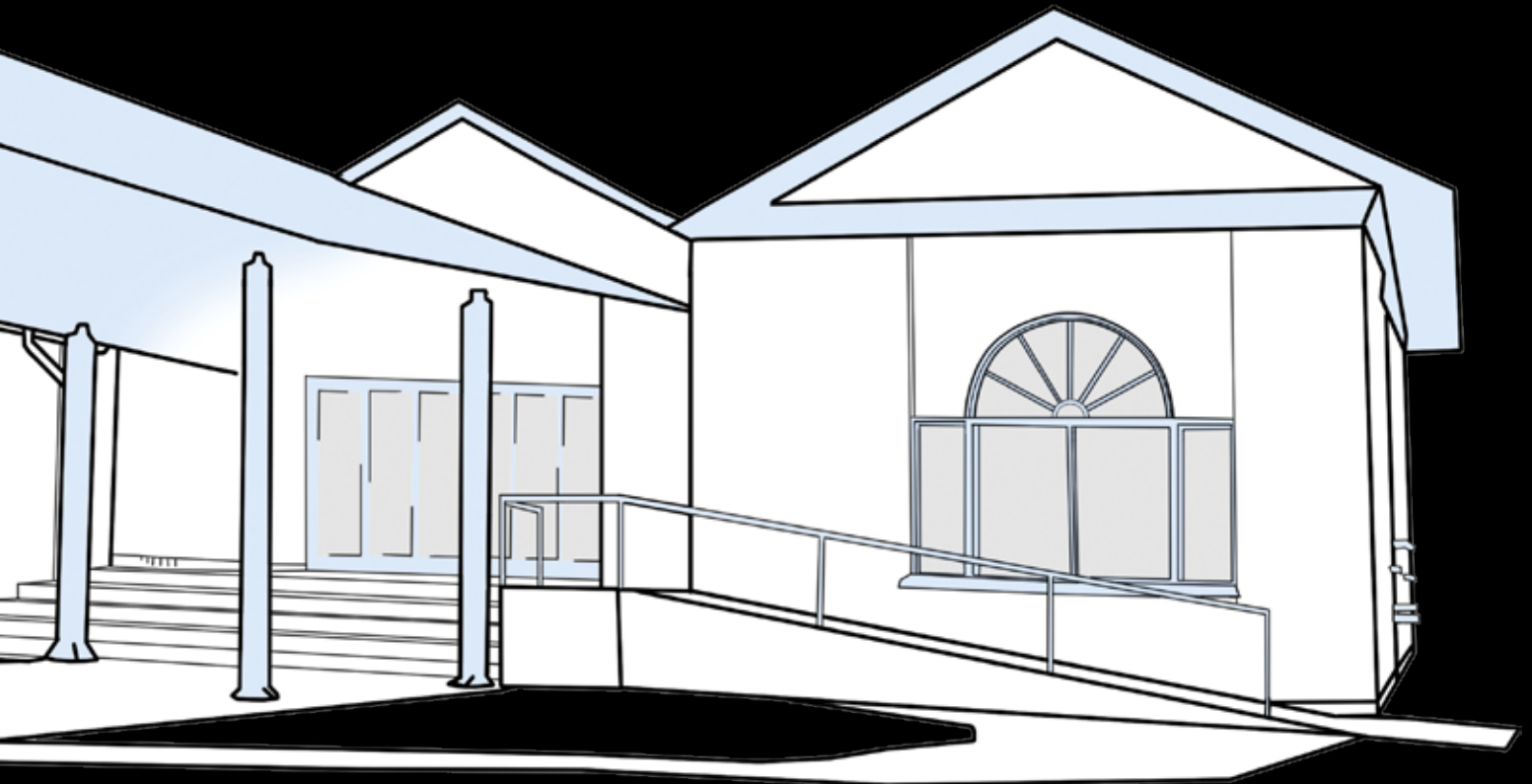
ESCOLA LIVRE DE CINEMA E VÍDEO

Plano Pedagógico-Artístico do Curso de Audiovisual



“Nós tentamos seguir de perto toda a produção brasileira atual, sem exceção. [...] Isso é uma tarefa laboriosa, difícil, frequentemente ingrata, mas culturalmente muito satisfatória. A gente encontra tanto de nós num mau filme, ele pode ser revelador de tanta coisa da nossa problemática, da nossa cultura, do nosso subdesenvolvimento, da nossa boçalidade [...] Em última análise, é muito mais estimulante para o espírito e para a cultura cuidar dessas coisas ruins do que ficar consumindo no maior conforto intelectual e na maior satisfação estética os produtos estrangeiros.”

Paulo Emílio Salles Gomes, citado em <www.brasildefato.com.br/node/10496/>





PLANO PEDAGÓGICO-ARTÍSTICO¹

1. Linguagem audiovisual

Podemos compreender linguagem como todo e qualquer meio sistematizado que usamos para comunicar, transmitir, receber e repassar ideias, informações, conhecimentos. Como descreve Laura Maria Coutinho, doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pela Unicamp, em *Audiovisuais: Arte, Técnica e Linguagem*, “[...] A linguagem audiovisual, como a própria palavra expressa, é feita da junção de elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais. Portanto, estamos falando de artefatos da cultura que afetam a visão e a audição do homem. Estes são os sentidos mais privilegiados no mundo moderno, pois uma das características da modernidade é o fato de permitir certo afastamento das pessoas do chamado mundo natural ou natureza [...]”. O audiovisual cresce desde que surgiu em 1895. Atualmente é a lingua-

gem que mais influencia o ser humano, pois está em toda a vida das pessoas, seja no cotidiano, no trabalho, na cultura ou no lazer.

2. O projeto

A demanda por produtos audiovisuais tem aumentado exponencialmente nos últimos anos, nos seus mais variados formatos e aplicações, principalmente para as novas mídias como internet, celular, portais, vídeo games, transmissões por IP e televisão. Com isso faz-se necessária uma formação específica, técnica, que permita o desenvolvimento de uma indústria nacional com profissionais responsáveis e de qualidade. Este curso oferece uma formação sistematizada e objetiva das necessidades de realização, nas mais variadas técnicas e estilos, cumprindo as principais etapas de produção e direção. São abordados os aspectos prá-

1. O projeto ainda está em construção e é organizado pelo coordenador pedagógico Diaulas Ullysses em parceria com os alunos/alunas, professores, encarregatura, equipe da Escola de Cinema e Secretaria de Cultura, e começou no segundo semestre de 2019.

ticos e conceituais necessários para o exercício das principais funções na área de produção audiovisual.

O núcleo de formação técnica e operacional reúne todas as disciplinas de operação de câmera, edição de vídeos, fotografia e iluminação. Por fim, o núcleo de formação conceitual reúne todas as disciplinas de fundamentação teórica que deverão dar base para o desenvolvimento das disciplinas práticas. Bruno Jorge de Sousa, na sua tese de 2005 *O Cinema na Escola: Aspectos Pedagógicos do Texto Cinematográfico*, coloca que “[...] O cinema nasce como meio técnico, cuja vocação visa a confundir a natureza de suas imagens com a própria realidade ali representada.

Tal condição reservou, ainda ao uso do cinema, o papel de método para registrar o mundo real, segundo afirmam Stephenson & Debrix (1969), mas desconsiderando-o enquanto significação artística. A condição de arte só viria mais tarde, através de intensas experimentações das possibilidades estéticas e expressivas permitidas pela natureza do veículo, e de produções teóricas em defesas da emancipação do cinema enquanto arte autônoma. Forma de expressão artística singular, o cinema foi constituído através de meios expressivos próprios, sob os quais se edificou como veículo para expressão e posicionamento de ideias, visto, não raramente, como meio de influência social[...].”

3. Histórico

O surgimento da ELCV está ligado a um artista da região, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, que sentiu que existia uma abertura para pleitear a escola de cinema na cidade no plano de governo da gestão que venceu as eleições para o período de 1997/2000. Isso consta no texto do plano, no artigo “[...] 5.2.2. Propostas de ação na área de cultura - Implantar no Cine-Teatro Carlos Gomes um pólo de criação audiovisual, onde se dará a difusão, informação e formação sobre a produção audiovisual contemporânea e a filmografia do passado. - realizar oficinas de roteiro, produção cinematográfica, debates com cineastas, lançamento de filmes nacionais e estrangeiros, bem como realizar mostras de cinema; - realizar mostras de filmes junto com embaixadas estrangeiras e institutos nacionais e internacionais [...]”.

Em 2001, no início da gestão municipal, o dramaturgo e roteirista Luiz Alberto de Abreu (pai da ELCV), encaminhou à administração um projeto de criação de

uma Escola Livre de Cinema e Vídeo inspirada nas experiências da Escola Livre de Teatro que funcionava há quase dez anos na cidade.

Assim, do mesmo modo que o conceito de Glauber Rocha, o mote que inspirou a escola não significava trabalho improvisado mas a noção de que era possível produzir e ser criativo com poucos recursos. Desde o início da década de 1990 a prefeitura de Santo André mantinha o Núcleo de Vídeo, que realizava oficinas de roteiro, produção e direção, abertas à comunidade. Ao fim desta década, em 1999, os membros da Comissão de Audiovisual do Conselho Municipal de Cultura propuseram a formação de curso na área audiovisual. Porém, somente em 20 de agosto de 2001 surgia a Escola Livre de Cinema e Vídeo, pautada pela ideia de que era possível produzir e ser criativo com poucos recursos. A proposta inicial do curso era a de utilizar o Grande ABC como território privilegiado de suas atividades criativas, dentro de uma perspectiva de produção de baixo custo. Pretendia-se desenvolver uma postura estética que expressasse uma reflexão crítica sobre a realidade regional, e priorizando a dramaturgia, a direção e a utilização de recursos básicos de fotografia, som e edição. O objetivo principal era dar oportunidade a pessoas de classes sociais menos favorecidas de se tornarem criadores de audiovisual, permitindo a expressão de seu ponto de vista, a exibição de sua realidade e a manifestação de sua criatividade, permitindo uma mudança de paradigma e da situação onde só privilegiados economicamente têm condições de realizar cinema no Brasil. Através de uma nova mentalidade, voltada para a produção de baixo orçamento possibilitada pelas novas tecnologias.

A ELCV – Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André sempre procurou estimular a criação de um cinema condizente com a realidade municipal, regional e brasileira. Em sua criação, e início das atividades, a escola teve como idealizadores e professores Toni Venturi, Leandro Saraiva, Waldemar Lima, Luis Alberto Abreu, Djalma Limongi Batista e Mauricio Hirata, pessoas que fazem parte do cinema brasileiro, de sua história e realização.

Inicialmente a escola localizava-se no Paço Municipal de Santo André, no prédio da SCEL (Secretaria de Cultural, Esporte e Lazer), com o objetivo de integrar os diferentes espaços e recursos culturais, Biblioteca Nair Lacerda e Auditório Heleny Guariba dentre outros recursos do local.

Com o sucesso da iniciativa, a ELCV passou a funcionar em dois espaços, sendo que no Cineteatro Carlos Gomes aconteciam as aulas teóricas e práticas, e o laboratório de edição ficava no T1 – sala 4 e a área administrativa na sala 2 do prédio da SCEL (ou como também é conhecido o Prédio da Biblioteca).

No ano de 2009, mudou-se para nova sede na Antiga EMIA da Chácara Pignatari, que, plenamente reformada, recebeu e uniu os diferentes espaços físicos que a escola ocupava em um único local adaptado às necessidades técnicas do Curso (sala de edição, sala de produção, sala/estúdio com camarins, biblioteca e almoxarifado, secretaria, sala teórica e espaço de convivência) e demais atividades da ELCV. Em 20 de agosto de 2019 a escola fez 18 anos, proporcionando liberdade de expressão artística e cultural para que alunos e alunas possam ser protagonistas de suas histórias.

4. Objetivos

Oferecer formação em Cinema e Vídeo fora dos grandes centros, com foco na otimização de recursos precários e promoção da emancipação intelectual e a autoestima dos alunos/alunas. A formação tem como essência a realidade do alunos/alunas e a inter-relação com a cidade de Santo André, a região, o Brasil e o mundo

5. Objetivos específicos

- I. Entender a atividade cinematográfica como objeto de transformação de si mesmo e da sociedade.
- II. Despertar nos alunos o direito e acesso à cidadania, interação com a cidade e seu território e como ator político e social usando a arte como ferramenta e fonte.
- III. Capacitar tecnicamente o aluno a trabalhar nas diversas áreas do audiovisual.
- IV. Fomentar o pensamento crítico com relação ao fazer artístico.
- V. Estimular a intervenção na conjuntura sociopolítico por meio do audiovisual.
- VI. Promover o empoderamento cultural dos alunos.
- VII. Incentivar a criação de produtora/incubadora pelos alunos/alunas.
- VIII. Ampliar a relação do cinema com a comunidade andreense com a realização de eventos, saraus, cine-clubes etc.

6. Justificativa

A linguagem do audiovisual passa por constantes transformações, evoluções e um crescimento acentuado depois da implantação da Lei do Audiovisual; precisamos criar momentos de estudo, discussões, reflexões e debate de ideias, para que possamos aprofundar e disseminar informações a cerca da atuação dos alunos/alunas ou não, relacionadas ao mercado de trabalho ou na atuação independente.

7. Projeto artístico-pedagógico

Desde o seu surgimento o curso vem se atualizando. As escolas livres de Santo André não possuem uma grade regulada pelo MEC – Ministério da Educação, por isso elas são chamadas de livres. Para a ELCV, isso significa que a grade pode ser alterada e adaptada aos novos contornos que surgirem.

A escola conta, atualmente, com um corpo docente que foi sendo selecionado com o passar dos anos, assim como, também os cursos foram sendo aprimorados nos períodos de estabilidade da escola.

Como diretriz do projeto, está a valorização das atividades processuais, garantida pela permanência do corpo docente, escolhido a partir do diálogo entre alunos, coordenação e Secretaria de Cultura. Outra ação para garantia de processos de continuidade é a apresentação semestral de projetos de aulas por parte dos professores ao coordenador, responsável por apresentá-los aos alunos no começo do semestre, ficando este registro disponível para consulta a qualquer momento por qualquer pessoa da escola.

Dessa forma, fica facilitada a transição entre professores, e as alterações realizadas pelo novo professor no plano do anterior são creditadas a quem elaborou o projeto como um todo. Além da manutenção dos professores e suas respectivas matérias, o objetivo é ampliar os números de matérias relacionadas às atualmente existentes com contratação de novos professores.

Reuniões semestrais entre coordenação, encarregada, professores e alunos servem para avaliação geral de desempenho, tanto de professores como de alunos, e readequação dos projetos de aula, com as ações que se mostrarem necessárias. Com os projetos definidos antes do início do semestre e disponibilizados para



consulta, é estruturado um cronograma de aulas, que pode ter variações esporádicas devido a incidentes de agenda dos professores. No entanto, não pode ser alterado de outra forma para realização de quaisquer ações que não tenham relação com o programa estabelecido no início do semestre.

Quaisquer oficinas e ações adicionais dentro da grade semestral não podem superar 5% das aulas, e estes eventos excepcionais buscam ter relação direta com a grade do curso no semestre. Dentro deste tópico, frisamos a importância da atuação de ações que possam instrumentalizar e equipar os alunos/alunas, como por exemplo, o Coletivo Bodoque que ministra as aulas de Marcenaria e Cinema, onde são construídos equipamentos para foto e vídeo. Estes equipamentos de baixo custo são construídos pelos os alunos, permitindo maior autonomia na realização de suas produções. As aulas práticas ensinam aos alunos como improvisar instrumentos para gravações e para fazerem manutenção em alguns equipamentos danificados da escola. A proposta do curso da Escola de Cinema tem três eixos principais para que possamos seguir um fluxo contínuo, são eles:

Disciplinas do curso – o primeiro eixo são as disciplinas contempladas a cada semestre, pensando nesse aluno/



aluna que necessita ter acesso ao mais amplo leque de informações e atividades para seu fortalecimento na linguagem audiovisual, seguindo um cronograma crescente, do primeiro semestre ao último.

Professores mestres e ex-alunos – com um corpo docente com mestres que estão atuantes no mercado do cinema nacional ou são realizadores independentes - buscamos trazer professores que possam dialogar com mais informação e contato atual sobre o processo cinematográfico brasileiro e mundial. Outra participação importante é a de ex-alunos ministrando disciplinas dentro da grade do curso, com o papel importante de servir como referência para os novos alunos, na busca de transformação e fortalecimento dentro do cinema.

Sede da escola e equipamentos – é importante que o aprendiz vivencie seu aprendizado com equipamentos de audiovisual para que o entendimento seja mais assertivo. Da mesma forma, é importante o espaço que a ELCV ocupa – por abrigar a escola e ser usado como estúdio e set de filmagem, e é necessário estar em condições boas para as atividades durante o curso.

Para fortalecer os 3 eixos, as aulas oferecidas são presenciais e com ramificações do fazer cinematográfico, divididas da seguinte forma: História do cinema, Pesquisa e escrita sobre cinema, Roteiro, Direção cinematográfica, Interpretação e direção de atores para cinema e set de filmagem, Fundamentos de fotografia, Maquinaria e iluminação, Direção de arte, Figurino e cenografia, Captação de áudio e tratamento de som, Produção e lançamento de filme, e Montagem, edição e finalização audiovisual. Atividades complementares são desejáveis no decorrer do curso, para fortalecer o entendimento da linguagem. A metodologia se baseia no compartilhamento de habilidades e técnicas do audiovisual com os alunos/alunas, fomentando neles o desejo de aprender fazendo, experimentando, observando a partir de um tema proposto. Dentro desta metodologia buscamos o ensino prático da arte do audiovisual e suas ferramentas, tornando o processo de aprendizado uma troca de saberes, com espaço para discussão, reflexão e exercícios, contextualizando a realidade mundial e da comunidade.

8. Diferencial da ELCV

Notadamente na cidade de São Paulo existem faculdades e cursos de cinema e vídeo que, por prática curricu-

lar do mercado audiovisual no Brasil, seguem o modelo norte americano, resguardadas as suas devidas exceções – com conteúdos, exemplos e exercícios nos moldes dos Estados Unidos. No contra plano e se alinhando com um fazer cinematográfico mais próximo da nossa realidade brasileira, a ELCV tem suas bases solidificadas, conscientes ou não, nos moldes do Cinema do Neorrealismo Italiano e do Cinema Novo brasileiro.

Esse movimento cinematográfico italiano despontou nos anos 1940, caracterizado por histórias sobre a classe trabalhadora, filmadas com pouquíssimos recursos, utilizando locações e dando preferência à luz natural. A maioria tratava de temas como as dificuldades econômicas e sociais na Itália pós-Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Os filmes buscavam representar a mudança de mentalidade dos italianos e suas condições de vida, retratando o desespero, a opressão e a desigualdade que eles enfrentavam. O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico brasileiro, destacado pela sua ênfase na igualdade social e intelectualismo, que se tornou proeminente no Brasil durante os anos 1960 e 1970. O Cinema Novo se formou em resposta à instabilidade racial e classista no Brasil. Influenciados pelo neorrealismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa, filmes produzidos sob a ideologia do Cinema Novo se opuseram ao cinema tradicional brasileiro de até então, que consistia principalmente em musicais, comédias e épicos ao estilo “hollywoodiano”. Glauber Rocha é amplamente considerado o cineasta mais influente do Cinema Novo.

Existem características acentuadas desses movimentos nos filmes da ELCV e até mesmo nas atitudes dos alunos/alunas. Ao realizar uma tarefa nas produções cinematográficas em que participam, os aprendizes da ELCV, na maioria das vezes, são notados e elogiados pela rapidez de entendimento do que é uma produção e pela visão geral do trabalho, sem a inércia de aprendizes oriundos de outras escolas e com as mesmas funções. Essa é uma característica que a ELCV tem na formação de criadores e artistas cinematográficos: o entendimento de múltiplas funções dentro de uma produção, a disponibilidade de ficar alerta e em prontidão para todo tipo de necessidades que houver no set de filmagem.

9. Requisitos de acesso ao curso

O processo de seleção de alunos para as turmas regulares do curso de 3 anos tem como objetivo se-



lecionar futuros alunos, considerando o limitado número de vagas e periodicidade em que são abertas novas turmas. O processo seletivo conta com quatro fases sendo:

1ª Fase. Preenchimento de formulário disponível em endereço web com envio, pelos correios, do formulário e cópias dos documentos e fotos para administração da escola. Este formulário conta com termos de concordância com o mesmo, termo de direito de uso de imagem detalhado do aluno enquanto participar do curso, e demais termos que a Secretaria de Cultura determinar desde que não sejam ilegais ou conflitem com a legislação vigente.

2ª Fase. Entrevistas com todos os cadastrados que enviaram toda documentação, efetuada por membros da coordenação, professores da escola, encarregatura e convidados selecionados e aprovados pelos membros anteriormente descritos. Os entrevistadores contam com formulário previamente elaborado pela coordenação, professores e encarregatura para avaliação dos candidatos com o objetivo de facilitar o processo de escolha e fila de “repescagem”.

3ª Fase. Uma semana de aulas expositivas com os selecionados na segunda fase, com apresentação da

escola, curso, método de trabalho e horários.

4ª Fase. Seleção final feita por membros da coordenação, professores e encarregatura da escola.

Observação: em caso de não preenchimento das vagas é feita uma “repescagem” chamando mais candidatos não convidados na primeira chamada, até o preenchimento das vagas. A partir de 2020, será realizada uma avaliação semestral com a coordenação, professores, encarregatura e alunos para levantamento de dados e informações sobre os diferentes fatores que levam à desistência e à falta de continuidade dos alunos no curso regular.

Após a coleta de dados e compilação destas informações pelo período de 4 semestres, 2 anos à contar da data da efetivação deste PPA, será realizada uma revisão destes itens para que sejam estipuladas ações a serem implementadas, minimizar as desistências durante o curso e incentivar o pleno comparecimento às aulas, para maior aproveitamento das mesmas. O critério para permanência na escola e para receber um certificado de conclusão, consta do contrato assinado no ato do preenchimento da Fase 1 do Processo Seletivo, ou seja, 75% de aulas assistidas de forma presencial além da realização



dos exercícios e tarefas definidas pelos professores das diferentes matérias durante o curso. Os alunos que não preencherem estes quesitos não terão direito a certificado, e em caso de comparecimento a aulas esporádicas serão considerados alunos ouvintes. Demais casos serão tratados quando necessário, pela coordenação, encarregatura, professores da escola e, em casos excepcionais, com a participação dos alunos da turma corrente.

10. Organização curricular

10.1 Base curricular

A base curricular da ELCV – Escola Livre de Cinema e Vídeo tem como foco uma estrutura gradativa de conteúdos das principais áreas de atuação no audiovisual e algumas ações paralelas para reforçar e dar acesso às diversas manifestações cinematográficas brasileiras e estrangeiras.

Dentro da base curricular são determinantes os eixos que abrangem a Técnica e Formação; Teoria Análise e Crítica; e Produção e Realização.

A força da ELCV é sua estrutura de curso livre, com arquitetura curricular que não segue os padrões engessados das demais escolas de cinema, principalmente as de nível superior. A ELCV possui suas modulações decorrentes das vivências e mudanças do pensar, produzir e realizar cinema, de forma diferente a cada turma. Seu corpo docente é nosso maior ganho nessa flexibilização curricular, onde podemos ter os melhores profissionais do cinema e ex-alunos trabalhando para o fortalecimento da formação audiovisual.

10.2 Estrutura do curso de cinema

O desenvolvimento da base curricular do curso de audiovisual aqui abaixo descrita serve como guia para desenvolver ações que possam ser debatidas acertadas e direcionadas a cada ano. Ela reforça a gradativa ação das disciplinas para que os alunos/alunas possam ter uma grade contínua e fortalecida de conteúdos sobre o audiovisual.

Primeiro semestre

O encantamento e a sensibilização são a base do esqueleto desse primeiro semestre – e o primeiro contato para muitos desses alunos/alunas na escola e com as áreas do cinema. Essas áreas devem trabalhar com um olhar mais voltado ao encantamento criativo – e com feitura de experimentações audiovisuais de curto tempo, no máximo um minuto.

Segundo Semestre

Nesse semestre se acentua os conteúdos programáticos de cada área – buscando paulatinamente desenvolver e colocar ao aluno/aluna no meio do processo da cadeia da arte cinematográfica.

Terceiro Semestre

A partir desse semestre as áreas vão sendo fortalecidas com seus conteúdos – com o exercitar dos sentidos em níveis mais elevados para que os alunos/alunas possam se fortalecer com os conteúdos e exercícios aplicados.

Quarto Semestre

Nesse momento, os alunos/alunas estão entrando nas ações avançadas propostas em cada área para um exercitar mais complexo, e com conteúdos mais

direcionados a produção e realização de exercícios cinematográficos.

Quinto Semestre

Formativas específicas para o desenvolvimento e aprimoramento das propostas para o TCC ou desenvolvimento de projeto dos alunos/alunas, individuais ou em grupos.

Sexto Semestre

Produção e realização do TCC ou finalização do desenvolvimento do projeto dos alunos/alunas, individuais ou em grupos.

Cada área do audiovisual precisa ter um cronograma de ações determinadas e colocadas à disposição dos alunos/alunas, mesmo passível de alteração, para o fortalecimento do entendimento do curso como um todo.

11. Desenvolvimento e apoio acadêmico

11.1 Atividades extracurriculares

As regras de seleção de cursos, oficinas, workshops, palestras, demais eventos e ações da escola abertas aos alunos e a toda a comunidade são definidas mediante a necessidade de cada evento. Para fins práticos, a coordenação e a encarregatura definem os critérios de seleção e realização dos mesmos, caso a caso. Como ação pedagógica complementar, está sendo proposta a criação de um Corpo de Alunos Monitores, composto por alunos das turmas regulares em seus últimos semestres, que terá por atribuição a monitoria dos alunos da turma que inicia seu primeiro semestre.

O cineclube da escola é mantido com parcerias e será ampliado com ações dentro e fora da ELCV, através de convite de escolas, associações e demais organizações, passando a contar com a ação do Corpo de Alunos Monitores. As sessões podem ser definidas pelo coordenador, encarregatura e corpo de monitores dos alunos das turmas regulares, conforme a necessidade e situação apresentadas. Serão mantidas as atuais parcerias para direitos de exibição, programas sociais e de coletivos que trazem grupos para sessões do cineclube temáticas e específicas, combinadas com os mesmos, na sede da

escola ou mesmo fora dela. Além disso, pretende-se a manutenção e ampliação de sessões de exibição de filmes de alunos e demais filmes os quais a escola tenha o direito de exibição, em equipamentos da Secretaria de Cultura e da Prefeitura de Santo André. No semestre posterior à implantação do PPA, serão realizadas reuniões para elaboração de plano detalhado de ações de integração entre as escolas livres. Este plano será elaborado entre a coordenação, encarregatura, professores e alunos/alunas da ELCV e terá o objetivo de estabelecer práticas, inclusive envolvendo as ações pedagógicas em aula, de integração e ações conjuntas com as outras Escolas Livres da cidade de Santo André, utilizando a estrutura da Gerência de Incentivo à Criação Artística para facilitar esta integração.

O curso de cinema e vídeo prevê e estimula as diversas atividades de formação extraclasse com parcerias com a Kinoforum, SESC, Pontos MIS, Oficinas Metropolitanas de SP, produtoras de cinema, realizadores independentes, Festival do Minuto, Festival Internacional da Animação, Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, além de parcerias com empresas e outras secretarias da Prefeitura de Santo André, levando o conhecimento e vivência proporcionados pelo cinema ao maior público possível.

11.2 Avaliação dos alunos

Visando a melhoria contínua e acompanhamento constante do desenvolvimento do aluno, buscamos consolidar reuniões bimestrais de professores para mensurar o desenvolvimento da turma como um todo e de cada aluno individualmente para, ainda no decorrer do semestre, readequar rumos que se fizerem necessários no curso.

11.3 Avaliação pelos alunos

Em consonância com diretrizes do Plano Municipal de Cultura, notadamente a da “transparência”, para melhor compreendermos as demandas dos alunos e avaliarmos nossa atuação, procuramos melhorar os mecanismos de controle de nossas ações. Assim, é fundamental programar avaliação anual das atividades da ELCV, da atuação de professores e funcionários, realizada pelos alunos. Para tal, consolidaremos em diálogo com a Secretaria de Cultura e com os alunos, formulários para aplicação desta avaliação.

11.4 Capacitação dos professores

A indiscutível qualidade e capacidade de nossos professores são um patrimônio da escola reconhecido pelos alunos e pela municipalidade. Entretanto, necessidades pontuais, atualizações, adequações ao PPA que se fizerem necessárias devem contar com o suporte da escola. Por meio do diálogo, do acompanhamento da coordenação e dos resultados das avaliações, podemos estimular, pontualmente, o aprimoramento em tópicos que podem ser melhorados. A coordenação, em consonância com o colegiado, deve buscar a melhor maneira de implementar tais melhorias: diálogo, cursos, ferramentas etc.

11.5 Colegiado da ELCV

O colegiado foi uma experiência que a ELCV teve há alguns anos e que deu bons resultados, mesmo na época, não tendo a presença dos aprendizes em todas as etapas. Para 2020 pretendemos que seja ampliado com a participação professores, alunos/alunas e funcionários. Ele terá a função consultiva para ampliar o debate e democratizar as decisões, tornando-as mais pertinentes e efetivas. A frequência dos encontros do Colegiado ainda precisa ser determinada, conforme agenda e necessidades que surgirem no decorrer das atividades anuais da escola.

12. Plano Municipal de Cultura de Santo André (2019-2028)

O projeto do PPA da ELCV estará tangenciando as diretrizes realizadas e aprovadas no Plano Municipal de Cultura 2019 – buscando orientação e diálogo para suas práticas e atuações, assim fomentando em nossos alunos/alunas a construção da cidadania cultural, utilizando como ferramenta de ensino sua realidade e contexto. Tais atitudes encontram amparo no Plano Municipal de Cultura, notadamente em suas diretrizes, tais como:

- Promover a cidadania cultural;
- Valorizar as expressões artísticas e manifestações culturais do município;
- Reconhecer e promover o potencial econômico do fazer cultural;
- Assegurar a transversalidade da cultura;

- Reconhecer, respeitar e promover a diversidade cultural e os diálogos interculturais;
- Identificar, preservar e divulgar o patrimônio cultural do município.

13. Projeto ELCV 20 anos

Em 2020, será necessário pensar e desenvolver ações para todo o ano de 2021, quando a ELCV irá completar seus 20 anos de existência e resistência. Temos como proposta realizar um amplo debate sobre o cinema na região do ABC / SP, com a participação de todas as sete cidades ligadas ou não ao Consórcio Intermunicipal, buscando aliar cultura, arte e economia criativa para o audiovisual da região. Outra intenção é a realização de um livro sobre a trajetória

dos 20 anos da ELCV onde, com imagens e textos, possamos contar sua linda história, e sua atuação como uma das escolas mais influentes do audiovisual e a primeira do Grande ABC na linguagem.

14. Acervo da biblioteca e da videoteca

A ELCV possui um acervo de livros e mídias como parte integrante das ações de formação das turmas da escola de cinema. Mesmo com a facilidade da internet – esse acervo tem de ser preservado para pesquisa e atuação da ELCV. É preciso capacitar os funcionários e o Corpo de Alunos Monitores para a administração desse acervo, de modo a garantir o acesso, bem como a preservação e a manutenção dos livros e DVDs.







ESCOLA LIVRE DE DANÇA

Plano Político-Pedagógico





1. APRESENTAÇÃO

1.1 A escola

Iniciou suas atividades em 1990, como Centro Comunitário Bela Vista I. Nesta época, pelo período de um ano, foi sede oficial do grupo Abaçaí Cultura e Arte, quando introduziu os trabalhos com cultura popular, principalmente o ensino de danças brasileiras. A partir de 2000 tornou-se um espaço voltado exclusivamente para a dança, oferecendo cursos de reciclagem para estudantes e profissionais da região. A partir de 2002, passou a oferecer cursos regulares para crianças e, implementou a Biblioteca e Videoteca de Dança. Em 2003, o nome Centro de Dança foi oficializado e as atividades de dança ocuparam por completo o espaço físico que anteriormente era ocupado também por atividades do departamento de Esporte. Neste ano, iniciou-se o projeto da Escola Livre de Dança que continha o curso de formação preparatória e o projeto do curso de formação avançada.

A ELD funciona de segunda à sexta-feira das 8h30 às 21h30, sendo aberta eventualmente aos finais de semana

na para reuniões, apresentações, apreciações e ensaios, conforme a demanda pedagógica. Atendendo uma média de aproximadamente 400 estudantes semanalmente, o projeto conta atualmente com uma equipe administrativa de quatro funcionários (uma encarregada, duas secretárias e uma bibliotecária), uma equipe de prestadores de serviços composta de dez artistas docentes (três coordenadores de núcleo pedagógico e nove artistas-docentes), além de dispor de uma funcionária de limpeza pela frente de trabalho. A Escola no momento não dispõe de segurança ou brigadista. Os serviços oferecidos ao público atualmente se distribuem em:

- cursos de dança: 4 turmas voltadas ao público infantil (120 vagas), 2 turmas vocacionadas voltadas ao público jovem (60 vagas), 5 turmas voltadas ao público adulto (150 vagas) e uma turma voltada à formação profissional (30 vagas) que recebe anualmente alunos especiais (20 vagas);
- programação e difusão de dança: circulação de espetáculos do núcleo de formação pelos bairros; sessões de apreciação à dança com grupos e artistas convidados;

recebimento de ações de contrapartida de projetos da comunidade da dança;

- apoio ao desenvolvimento e a produção de conhecimento em dança: serviço de biblioteca específica com mais de 900 títulos entre publicações, vídeos, monografias e etc; sessão de salas para ensaios de núcleos artísticos da região através do projeto Okupa da Secretaria de Cultura.

1.2 Breve histórico

Iniciou suas atividades em 2000, como Centro Comunitário Bela Vista I. Nesta época, oferecendo cursos de reciclagem em dança para estudantes e profissionais da região. A partir de 2002, passou a oferecer cursos regulares para crianças e, implementou a Biblioteca e Videoteca de Dança.

Em 2003, o nome Centro de Dança foi oficializado e as atividades de dança ocuparam por completo o espaço físico que anteriormente era ocupado também por atividades do departamento de Esporte. Neste ano, iniciou-se o projeto da Escola Livre de Dança que continha o curso de formação preparatória e o projeto do curso de formação avançada. Em 2004, a Escola Livre de Dança foi inaugurada e oficializada, na qual iniciava o processo da primeira turma de formação avançada.

Em 2018 o nome Centro de Dança de Santo André é retirado em detrimento as discussões realizadas ao longo do ano de 2017, em que consistiu um novo pensamento para gerência de formação. A gerência passa a ser denominada: Gerência de Incentivo à Criação Artística e o projeto: Escola Livre de Dança de Santo André.

Ao longo dos 18 anos de existência do projeto, sete ordenações pedagógicas estiveram à frente da escola fomentando pensamentos pedagógicos na linguagem da dança e cinco turmas de formação em dança contemporânea concluídas, estando a sexta turma em andamento.

1.3 Missão

A missão da Escola Livre de Dança é o oferecimento de uma formação artística qualificada para crianças, adolescentes e adultos, seja em nível de iniciação artística, formação cultural ou formação profissional, efetivando o ensino da dança enquanto arte. É missão desta oferta diversa de formação produzir reflexão, transgressão, e construção de subjetividades, operando também na di-

vilgação da linguagem na cidade e fomentando a produção de conhecimento e pesquisa em dança na região.

É compromisso da ELD uma integração social e cultural da formação e produção artística, apresentando também oportunidades a todas as classes sociais entrarem em contato com a construção de um ambiente artístico e todos os valores que se associam a ele.

1.4 Visão

A ELD tem como visão ser um espaço de referência em formação em Dança na região do ABC Paulista, e para tal estabelece uma atitude educacional contemporânea que prevê através do ensino da dança implementações de não-hierarquia, soluções de problemas, estímulo à inteligência e sensibilidade criativa, colaboração na criação junto a seus pares e valorização da diversidade.

O Projeto Político-Pedagógico da ELD elege a Dança Contemporânea como uma epistemologia da formação do indivíduo através do reconhecimento da expressividade de seu corpo e do potencial comunicativo de seu movimento e as Danças Populares como uma epistemologia de formação cidadã através do reconhecimento de bens culturais locais e tradições que nos formam enquanto cidadãos.

É central para o desenvolvimento da pedagogia da ELD também o viés processual dos processos de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito ao espectro da Criação Artística, onde a composição de experimentos e obras artísticas se instauram como formas de estruturar o conhecimento de forma experiencial, atrelando teoria e prática em um fazer onde o fruir e o fazer se conectam na compreensão de perspectivas criativas, autorais, emancipatórias e significativas em lugar de dinâmicas de reprodutibilidade técnica alienada e de caráter exterior a um processo de autoestudo dos indivíduos.

1.5 Valores

Os valores que movem todas as ações de ensino, atendimento ao público e acolhimento de projetos na ELD são regidos através da importância do afeto; da construção de relações; do encorajamento à autonomia; da intensa colaboração; da criação em coletivo; da observação de contextos (íntimos, locais, regionais, endêmicos e sistêmicos); do respeito ao corpo; do respeito às diferenças; da construção de dinâmicas de implicação e de pertencimento; e da permissão para emancipação autoral das subjetividades artísticas.

2. ESTRUTURA DE TRABALHO

2.1 Espaço físico

O espaço se caracteriza como um pequeno prédio de três níveis, com duas salas de aula em cima (com piso mais ou menos adequado, barras e espelhos) e uma sala de aula no subsolo, com piso adaptado, espelhos e barras móveis. Essa estrutura de 3 salas de aula é imprescindível para o atendimento de toda a demanda que a Escola Livre recebe. Implementos de adequação acústica, revestimento do piso com linóleo próprio para a prática de dança e adequação de sistemas de iluminação e ventilação seriam desejáveis para garantia do serviço qualificado que se pretende oferecer.

Materiais didáticos fundamentais às metodologias adotadas pelo projeto também requerem uma atenção especial, sendo necessário contar com suprimento de equipamentos de informática (computadores e sistemas de impressão), audiovisual (aparelhos de som, televisor, projetor de vídeo), materiais para sensibilização corporal (colchonetes, bolas, bastões, tecidos, elásticos, tintas, cartolinas, sulfites, papel craft e toda uma série de aparatos utilizados em trabalho de sensibilização) e etc.

Voltando a estrutura do prédio, no térreo existe uma biblioteca especializada em artes do corpo, recepção, secretaria, sala de coordenação, sala de professores, cozinha e corredor externo. No subsolo existem também uma área teórica e uma cozinha coletiva (equipada apenas com uma mesa e geladeira). Os banheiros são um total de oito no prédio: três femininos, três masculinos, dois unissex e um com chuveiro para os funcionários operacionais, em área restrita ao público.

2.2 Equipe artístico-pedagógica

A composição da equipe pedagógica da ELD se pauta pelo trabalho colaborativo, a troca de saberes, o convite à pesquisa artística do artista-educador junto ao programa curricular do curso que ministra e o acompanhamento estudante a estudante, buscando o estabelecimento de vínculos entre profissionais e comunidade atendida. Para articular esse convite tão rigoroso e com uma demanda de entrega tão profunda, a presença de uma equipe de coordenação pedagógica é fundamental para o acompanhamento da atuação desses profes-

sois e a observação das particularidades e demandas de cada núcleo. Essa articulação acontece através de temporadas de planejamento coletivos, formações continuadas, reuniões de equipe, reuniões de núcleo, reuniões com pais e estudantes, reuniões com a Comissão.

Atualmente a coordenação tem suas funções distribuídas na atuação de três profissionais:

- um coordenador de núcleos de formação vocacional (Coordenação discente e docente de Núcleo Preparatório e Formação Intensiva);
- um coordenador de núcleos de iniciação artística (Coordenação discente e docente de Núcleo Infantil e Núcleo de Adultos);
- um coordenador de ações culturais e relações institucionais (Coordenação de atividades artístico-culturais, intercâmbios, apreciações, e propositores de relações com outros espaços e projetos da região).

Quanto à equipe docente, a proposição da dinâmica de trabalho prioriza o diálogo entre profissionais especialistas de áreas variadas das danças contemporâneas e populares, como forma de friccionar suas certezas e enriquecer suas pesquisas a partir da contínua revisão e contextualização de seus conhecimentos e experiências. Assim, a atuação da equipe está atualmente organizada da seguinte maneira:

- dois artistas-docentes especializados no trabalho com o público infantil, atuando no Núcleo Infantil dividindo-se entre os períodos matutino e vespertino;
- dois artistas-docentes especializados em programas de formação e no trabalho com público jovem trabalhando no Núcleo Preparatório dividindo-se em uma construção de trabalho técnico e outra construção do trabalho de exploração e composição;
- quatro artistas-docentes especializados em códigos de dança específicos e com a abordagem de processos criativos colaborativos trabalhando com o Núcleo de Adultos dividindo-se entre os períodos matutino e noturno;
- cinco artistas-docentes a cada ano letivo, especialistas em diferentes disciplinas formativas e atuantes no cenário artístico-profissional do Estado, trabalhando na Formação Intensiva em intensa articulação de disciplinas.

2.3 Público atendido

A ELD atende uma grande maioria de meninas e mulheres (embora os meninos e homens estejam presentes), de 07 anos até a terceira idade. Há também alunos de inclusão nas turmas infantis e no Núcleo de Adultos. Os alunos vêm de diferentes bairros de Santo André e de cidades próximas, e são de diferentes classes sociais, que frequentam o espaço de

duas a três vezes por semana. Em agosto de 2016 foi criada a Comissão de Alunos e Familiares do Centro de Dança – ELD, que tem se reunido mensalmente com a coordenação (administrativa e artístico-pedagógica). Cada uma das turmas elege anualmente um ou dois representantes para mediar uma relação de diálogo entre os alunos, suas famílias, e a equipe de coordenação, e discutir diferentes assuntos de interesse da escola.





3. OS PILARES DA PEDAGOGIA

3.1 Pedagogia transversal e contemporânea, como base do ensino de dança

Em todos os cursos e programas de ensino da ELD, o pensamento pedagógico fomentado cultiva a adoção de práticas e metodologias sintonizadas com epistemologias contemporâneas. Deste modo, se solicita a todo tempo um exercício de reflexão sobre modos e métodos - sistemas e relações, contextualizando as danças ensinadas com as discussões que emergem no tempo atual e nas questões da vida para além das paredes da Escola. Questionar padrões tradicionais de ensino de dança com proposições de atualização e revisão crítica são ações fundamentais de qualquer docente desse projeto.

3.2 Ensino processual, contextualizado e conectado à produção de conhecimento e pesquisa de linguagem

Nos cursos da Escola Livre de Dança de Santo André tem lugar a busca por um pensamento educativo em artes pautado pelo **ensino processual e progressivo**, com ênfase na construção gradual de saberes, sempre com fim artístico. Isto quer dizer que todas as atividades pedagógicas da ELD tenham como premissa o **desenvolvimento de processos de criação**.

Sendo um centro público de referência de linguagem artística, torna-se papel da ELD incentivar à **pesquisa de linguagem e a experimentação** em seus processos com vistas a **produção de conhecimento**.

cultural, afastando-se da reprodução de padrões ou da mera reprodução de referências de massa, sem que as mesmas tenham sido antes problematizadas, desdobradas e elaboradas num discurso artístico autoral e afirmativo.

3.3 Valorização de linguagens de dança democráticas que potencializem a expressão plural dos corpos

As principais áreas de conhecimento do projeto, a **dança contemporânea**, as **danças populares** e a **criação artística** foram assim estruturadas como pilares epistemológicos de nossa pedagogia com vistas a uma relevância social real dos saberes que aqui se praticam. Se as práticas de **dança contemporânea** primam por construir referências a partir do conhecimento empírico dos indivíduos, emancipando seus corpos e democratizando a possibilidade de expressão, as **danças populares** com seu saber tradicional sustentam o empoderamento cultural dos corpos, ampliando sua consciência a respeito da memória ancestral, da mitologia local e de saberes coletivos que contribuem para que a expressão do artística aconteça de forma situada, ressoando onde ocorre. Por fim, o exercício constante da experimentação desses saberes em

processos de criação, através da **criação artística** possibilita que outras relações com o mundo sejam traçadas, encorajando atitudes sensíveis, inventivas e transformadoras de realidades.

3.4 Ênfase em processos de criação como catalisadores da integração dos saberes e operadores de transformação

A ênfase em processos de criação possibilita ainda que todo processo de aprendizagem seja concretizado na produção de trabalhos e/ou obras capazes de sintetizar a vivência neste espaço na forma de uma experiência significativa, capaz de ampla transformação na vida do participante, e até mesmo de seu núcleo social próximo.

O pensamento pedagógico-artístico com ênfase em processos de criação, ao invés de determinar previamente as grades e componentes curriculares de seus cursos, desenham seus programas de acordo com as especificidades de aprendizagem das turmas, delineando territórios culturais para o desenvolvimento de pesquisas artísticas e a decorrente realização de criações na forma de espetáculos de dança, experimentos coreográficos, situações de partilha de pesquisa corporal, compartilhamento de processo de trabalho, entre outros.

4. ESTRUTURA DO PROJETO

4.1 Núcleo Infantil

Cursos livres para crianças a partir dos sete anos de idade, voltados à sensibilização e experimentação da linguagem da dança. Com abordagem lúdica e atenta as fases do desenvolvimento psicomotor esses cursos têm caráter de iniciação artística na linguagem, fomentando o fazer, o fruir e o dançar em relação. Compõe-se de duas turmas de Pré-Dança e duas turmas de Iniciação, distribuídas nos períodos matutino e vespertino. Conta com dois artistas-docentes especializados e com uma coordenação de núcleo.

4.2 Núcleo Preparatório

Cursos livres preparatórios para a formação em dança contemporânea tendo como objetivo propiciar ao aluno experimentar diversas possibilidades em dança, nas quais buscam construir um corpo capaz de dar continuidade na formação intensiva em dança contemporânea. Compõe-se de uma turma de Fundamental, uma turma de Elementar e idealmente com mais uma turma de Intermediário (não oferecida no momento), distribuídas entre os períodos vespertino e noturnos. Conta com dois artistas-docentes especializadas, com uma coordenação de núcleo, e no

caso do oferecimento da turma intermediária, contaria também com mais quatro artistas-docentes visitantes (ministrantes de laboratórios sazonais).

4.3 Formação Intensiva

Curso vocacional, cujo objetivo é o aprofundamento dos conhecimentos necessários para atuar na cena da dança contemporânea, a fim de promover a autonomia do aluno, o refinamento técnico e artístico e a busca autoral nos processos criativos em dança. Conta com uma grade de treze disciplinas divididas ao longo de três anos de formação, tendo contato com uma extensa gama de profissionais atuando como artistas docentes em áreas específicas conforme sua especialidade. Recebem também laboratórios, apreciações e workshops de artistas convidados, enriquecendo ainda mais sua formação. Compõe-se de uma nova turma a cada três anos, com carga horária concentrada no período noturno e também com eventuais atividades

de ensaios, apresentações e apreciações aos finais de semana. Ao longo do percurso de formação, entram em contato com mais de uma dezena de docentes, acompanhados de perto por uma coordenação pedagógica de Núcleo.

4.4 Núcleo de Adultos

Cursos livres em áreas como: danças brasileiras, dança contemporânea e danças orientais. Tem por finalidade dialogar com as propostas do ensino da dança na cena contemporânea, transformando as disciplinas de treinamento sistemático em processos de criação. O objetivo deste núcleo é a sensibilização da prática e reflexão sobre a própria dança. Conta com duas turmas de Dança Contemporânea, duas turmas de Danças Brasileiras e uma turma de Dança Oriental (dança de tradição popular), atendidas por quatro artistas-docentes especialistas nas modalidades, distribuídas nos períodos matutino e noturno.

5. DIRETRIZES PEDAGÓGICAS E DIDÁTICAS EM CADA NÚCLEO

5.1 Núcleo Infantil

No núcleo infantil são apresentados às crianças fatores essenciais à compreensão da dança enquanto linguagem artística e expressiva. A percepção de como seu corpo se mexe, das formas que pode construir através do movimento, e de estados de ânimo ou de intenção que estes gestos podem produzir no espaço coletivamente são os tópicos de ênfase nessa fase do programa. A arte contribuiu para educação do ser humano sensível. A dança, enquanto linguagem artística, trabalha a comunicação com suporte no corpo. Não há possibilidade de educação em dança de modo crítico e autoral que não passe pelo conhecimento do próprio corpo, dos próprios desejos e suas manifestações na concretude do corpo. Inteligência emocional é vínculo estreito de ação com sensação. No Núcleo Infantil a escuta da

palavra e do corpo das crianças em encontro com as especificidades da linguagem da dança é o norte do processo educacional. Um processo que se dá não ao longo de um ano, mas ao longo de vários anos. Essa complexidade implica no pensamento de longo prazo. As ações do núcleo infantil precisam ser sistêmicas, e abarcar as famílias. Somos dependentes desse sistema que precisa rodar e tocar a todos para que a engrenagem flua. Uma relação mais próxima e formativa junto aos pais é uma demanda urgente que necessita de condições para ser atendida. Também é evidente quanto o processo integra questões na vida das crianças. Como a experiência com o corpo no lugar da comunicação é importante para manter a fluidez entre o que se pensa e o que faz, o que se manifesta. Esta é uma característica marcante do trabalho de dança proposto na ELD, que se relaciona com a valorização da autoria.



5.2 Núcleo Preparatório

Eixo no qual o enfoque dos processos de ensino e aprendizagem já tem abordagem vocacional desde o início de seu percurso. O enfoque é o aprofundamento dos elementos que se apresentam nas turmas infantis, levando em conta que com a maior maturidade dos integrantes desta faixa é possível desenvolver questões referentes à compreensão dos componentes técnicos e criativos da linguagem. Quanto aos componentes técnicos enfatizam-se as noções de treinamento, e a consciência da capacidade do corpo de produzir ferramentas para articular-se com fins expressivos. No componente de criação a aprendizagem desenvolve-se a partir da compreensão de métodos de composição e de manipulação de elementos técnicos e expressivos da linguagem, com vistas a configuração de pequenos trabalhos.

Os percursos metodológicos do núcleo preparatório (fundamental e elementar) se dão num modo semelhante a organização que a educação formal aplica em dois aspectos: são divididos por faixa etária e há progressão dos conteúdos, o que de certo modo colabora para compreensão de um percurso formativo,

porém, as aulas ocorrem com apenas um professor por turma, no qual que tem a habilidade de organizar os conteúdos técnicos e de criação em dança, embora não haja separação entre eles. A ação pedagógica é realizada no campo da pesquisa que busca em seus processos autorais, instrumentalizar os jovens deste núcleo a (re)pensar sobre sua própria dança.

Esse núcleo promove a continuidade do núcleo formativo, desenvolvendo e aprofundando os conteúdos já trabalhados no núcleo anterior (infantil). O ensino da dança enquanto arte nessa faixa etária ocorre na relação entre os conteúdos técnicos e criativos que esta formação abarca com o cidadão em formação. O grande desafio é construir junto a este núcleo, composição de nexos compreensivos, analíticos e interpretativos multidisciplinares, parecendo também possível invocar propostas inter e transdisciplinares para construir modos de ousar metodologicamente ações pedagógicas nas artes.

5.3 Formação Intensiva

Curso de formação com viés vocacional/autorial no qual há um interesse pedagógico pelo



aprofundamento, refinamento e desenvolvimento de competências que possam ser úteis no cenário da dança profissional. Assim, o curso se desenvolve no campo da experiência e da pesquisa com ênfase em **técnica e criação**. O desenvolvimento do domínio da linguagem é pautado por intenso fluxo **teórico-prático**, com a proposição de objetos de estudo que tanto geram ferramentas para o intérprete-criador de dança, quanto proporcionam a abertura de olhar para o campo da dança através da contextualização dos aprendizados e da reflexão. De forma intensa e progressiva, a Formação Intensiva distribui seus tópicos de estudo ao longo de 3 anos de curso, cujo objetivo é o aprofundamento na capacidade de ler, fruir e fazer dança.

Os encaminhamentos metodológicos dos professores que compõem o núcleo formativo, se dá na pesquisa pelo corpo e no corpo. Partindo de como os professores organizam seus conteúdos de aula, o que se enfatiza é o caminho, ou seja, o método, pois na pedagogia que a ELD se propõe, a investigação é a base para a construção do conhecimento e desenvolvimento da dança que se dança aqui.

Esse percurso é baseado numa relação entre os conteúdos (saberes) pré-estabelecidos pelas teorias e referências que cada disciplina abarca, eleitas por cada professor, com o encontro entre professor e estudante. Pensando a partir dessa relação, vivenciam um encontro intersubjetivo (reciprocidades entre pessoas-sujeitos postas em relação), motivadas entre ambos em sua plena subjetividade. Portanto, essa construção do campo pedagógico parte das experiências dessa relação, na qual se depara com o imprevisto, compreendendo que estas formas investigativas trazem como eixo central a ideia de que o diálogo e a interação são formas de construção de conhecimento no coletivo.

Nesse trânsito, os percursos lineares quanto os sinuosos trazem possibilidades importantes na formulação dos processos pedagógicos, criativos e artísticos.

5.4 Núcleo de Adultos

Eixo em que se oferece à comunidade uma gama abrangente de atividades em dança onde se faça possível o exercício de percepção da diversidade da linguagem, compreendendo diferentes formas

da dança, organizadas em territórios culturais e históricos, não ficando o ensino de dança nestas aulas restritas ao ensinamento de estilos ou modalidades. Interessa aos cursos do Núcleo de Adultos a compreensão de elementos gerais da linguagem da dança como o senso de coletividade, a organização da estrutura corporal, a compreensão do espaço e do tempo como fatores expressivos, e a percepção de relações interdisciplinares entre a dança e outras áreas como a música, o teatro ou as artes visuais; adensando o repertório cultural de seus participantes e suas capacidades de leitura e apreciação de obras de dança, além da eventual oportunidade de despertar uma ação vocacional em algum estudante que venha perceber na linguagem da dança um caminho de realização profissional.

A riqueza do núcleo de adultos está em observar, experimentar e viver a arte que pertence a todos, o corpo que pertence a todos. No Núcleo de Adultos a ELD abre a arte para os não artistas e democratiza o acesso para além da apreciação: para a experiência artística. Organizado como está, em modalidades, acaba por ser uma porta de entrada mais larga. Provavelmente, quem se aproxima da escola para fazer danças orientais não teria interesse, ao menos inicialmente, em dança contemporânea, mas a partir da experiência na escola abre-se essa possibilidade.

O que conecta o núcleo de adultos dentro de suas “modalidades” é a abordagem pedagógica, que independe da especificidade da dança, seja a brasileiras, orientais ou contemporânea. A proposta é buscar a autoria dentro de um repertório específico. A busca de estratégias de sentir, dar forma e compor passam por todas as aulas no núcleo e a potência deste trabalho é grande.

Toda a intensidade do trabalho resulta numa demanda de espaço de aprofundamento. Dar vazão ao que surge da experiência do núcleo de adultos é urgente embora ainda não tenhamos esse espaço. É importante dizer da força que há na proximidade com o próprio corpo que a experiência da ELD provoca nos alunos. A experiência sensível, amparada e estruturada é uma escolha de ação desta escola. Para além do aprendizado de modalidades, explora-se um caminho de busca de discurso do corpo individualmente e coletivamente. Esse espaço é único e, de fato, revolucionário.



6. OUTRAS FRENTES DO PROJETO

6.1 Cursos livres e workshops

O Programa de Cursos Livres tem como missão ampliar o acesso à pedagogia da ELD. Apresentar vivências diversas na dança, valorizar temáticas específicas do fazer coreográfico, aprofundar o estudo de territórios culturais e encorajar processos artísticos e autônomos são premissas desse tipo de ação que tem como objetivo geral potencializar modos diversificados de se relacionar com a arte e a fruição cultural.

6.2 Laboratórios

Módulos de estudo em imersão nos quais são aprofundados tópicos específicos da linguagem da dança contemporânea, avançando em um projeto de pesquisa proposto por um artista-docente experiente no tópico estudado. Os laboratórios funcionam através de processos formativos de excelência, experimentos artísticos e práticas poéticas desenvolvidos em torno das propostas dos orientadores, em escuta atenta aos interesses do coletivo. A conduta do orientador é conduzir a qualificação da pesquisa, através de

propostas de experimentação, seminários, práticas e orientações dirigidas. Temáticas com as danças populares, a criação em espaço urbano e a composição coreográfica já foram mapeadas como territórios de interesse da comunidade da ELD.

6.3 Projeto de apreciação

Encontros mensais que reúnem a comunidade da Escola em torno da apreciação de obras cênicas e coreográficas, através de apresentações ao vivo ou através do visionamento de vídeos e registros documentais. Abrir essas cessões de contato com obras de arte a estudantes, pais, amigos e familiares é uma extensão à comunidade dos saberes estudados na ELD. O formato dos encontros é variável (em geral acontece na Escola, mas pode incluir o deslocamento a Teatros e/ou outros espaços culturais) são sempre seguidos de uma apreciação especializada, com o objetivo de densificar o contato com a obra de arte e aprofundar as reflexões trazidas pelas mesmas, destacando o papel da linguagem da Dança no pensar (e inventar) o mundo.

6.4 Espetáculos

A criação de espetáculos por Núcleo é um procedimento anual no qual todos os estudos e pesquisas realizados turma a turma durante o ano se direcionam para a composição de um exercício cênico coletivo, no qual o encontro com outras turmas do mesmo Núcleo proporciona um aprofundamento da pesquisa artística global do projeto.

Entendemos a criação de espetáculos como um conteúdo fundamental de todos os Núcleos, pois o exercício e prática cênica da comunicação com a plateia de um teatro é parte essencial do aprendizado artístico. Além disso, o momento da cena oferece a oportunidade de síntese do conhecimento para cada aprendiz. Manipular técnica, presença cênica, estados corporais, acionamentos dramáticos diante de uma plateia é uma produção de conhecimento específica e que precisa ser treinada. Daí a crucial importância da realização pública desses espetáculos em teatros públicos da cidade.

Percebemos a ocupação dos teatros do município com espetáculos produzidos pela Escola como um espaço de comunicação pública do projeto, de transparência de nossa pedagogia e de formação de plateia para dança, uma vez que a produção de espetáculos profissionais ainda é escassa na região. Nos últimos anos, os quatro espetáculos que produzimos anualmente tem lotado o Teatro Municipal da cidade despertando a curiosidade do público para o projeto, e inclusive sensibilizando a chegada de novos alunos. Além disso as circulações por parques e CEUs, expande a visibilidade da

Escola e a possibilidade de diálogo do projeto com regiões mais distantes do centro, e muitas vezes com uma dinâmica cultural própria, sendo de grande importância para o amadurecimento da qualidade artística de nossas criações.

A ELD chama para si a responsabilidade por produzir exercícios em dança cênica com acabamento e qualidade, contando no momento com mobilização da comunidade para operacionalização da produção (custeio de cenografia, figurinos, linóleo, registro em áudio e vídeo, dentre outras demandas de produção executiva). Esse modo de produzir nos desperta a constante reflexão sobre a produção artística independente, e as relações entre a comunidade e a própria Escola frente a um processo de criação e produção colaborativas.

6.5 Cessão de sala de espetáculo

A cessão das salas de aula para núcleos artísticos e mesmo grupos de estudantes da cidade e região é uma prática que visa ampliar o acesso a estrutura da ELD à comunidade artística local, através da ocupação destas salas em horários em que as mesmas não estão em utilização pedagógica. Cada sala é destinada a processos de criação e manutenção de trabalhos de artistas, cia e núcleos de dança, não abertos a atividades para o público. Esse uso das salas acontece de forma gratuita, e pode prever ou não uma contrapartida (workshop, mostra de processo, ensaio aberto). Atualmente o programa de Cessão de Salas está regulado pelo projeto Okupa Cultura da Secretaria de Cultura.

7. ÁREAS DE ESTUDO E LINHAS DE PESQUISA

7.1 Estudo de movimento

Estudos de repertórios de movimento a partir da prática de técnicas de dança sistematizadas que são apresentadas como plataformas de exploração kinestésica e expressiva para cada estudante, respeitando seu es-

tágio de desenvolvimento. Os objetivos dessa área de estudos são organizar o corpo no espaço, promover a criação de combinações de movimentos (das mais simples às mais complexas), reconhecer qualidades expressivas e dinâmicas, criar possibilidades de comunicação através da linguagem.



7.2 Educação somática e consciência corporal

Abordagens que se voltam ao conhecimento do corpo como uma unidade onde estão integradas as instâncias físico-anatômicas, subjetivas, biográficas e culturais, compreendendo o corpo não mais como um objeto ou um instrumento, mas como uma realidade psicossomática. Os objetivos dessa abordagem são integrar ao estudo da dança a relação mundo interno-externo, reconhecer a unidade sensório-motora: percepção e consciência na ação (presença), compreender a reeducação postural como base para liberdade estrutural, funcional e expressiva do artista da dança; interconectar as várias dimensões do ser: corporal, cognitiva, psicológica, social, emotiva e espiritual.

7.3 Processos de criação coletiva

A criação de espetáculos é parte do conteúdo desenvolvido e dos estudos de movimento bem como das estratégias de improvisação desenvolvidas ao longo do ano em todos os cursos do projeto. Todo conteúdo trabalhado é elaborado, composto e resignificado a partir da definição de questões e/ou provocações trazidas pelos artistas-orientadores que darão corpo à dramaturgia de cada peça. Estas criações são sempre coletivas e colaborativas, nas quais os estudantes são convocados a elaborar os

conteúdos estudados (jogos, qualidades de movimento, sequências coreográficas, estudos de exploração e improvisação entre outros) a fim de criar as coreografias e cenas.

7.4 Trabalho lúdico /jogos

Abordagem que valoriza o trabalho imaginativo e a dimensão do divertimento como aspectos fundamentais a aprendizagem significativa e à produção de afetos no processo de conhecimento. Pautada pela metodologia de jogos, criação de ambientes imagéticos, fabulares e sensoriais, esse campo se faz muito enfático nas aulas do Núcleo Infantil e também nas abordagens de Danças Populares Brasileiras e dos estudos de Presença Cênica. Compreender o espaço de brincadeira como espaço de aprendizagem desperta inteligências corporais, interpessoais, sociais e espaciais, convertendo-se numa complexa e refinada estratégia de estudo.

7.5 Cartografias culturais

Modo de atuação que opera segundo a produção de mapeamentos, inventários, coletas, pesquisas de campo, delimitação de territórios afetivos e/ou culturais, entre outros; para a criação de campos de força que definem um apresentar de conteúdos atento à escuta do grupo e contextualizado ao ambiente que o encontro da turma vai delineando. Atuar cartograficamente é mesmo observar, perguntar, registrar, reconhecer zonas de potência (e também de esvaziamento) para direcionar os processos para a zona onde confluem os mais intensos desejos criando uma instância de pertencimento entre seus agentes, fundamental para a produção de obras artísticas implicadas.

7.6 Processos de reflexão

Conduta artístico-pedagógica que valoriza a elaboração do fazer através de processos reflexivos em diferentes instâncias (verbal, lúdica, documental, dialógica, observatória, etc). A importância da nutrição de processos de reflexão correlacionados às práticas artísticas e corporais apresentadas pela Escola orienta uma conscientização em relação ao fazer e uma ampliação do olhar para a linguagem (para além de todas as outras atribuições que a prática da dança orienta em termos sociais, educacionais, integrativos, corporais e até recreativos) que busca conectá-la com a perspectiva da produção de conhecimento.

8. METODOLOGIAS DE ENSINO

8.1 Ensino processual

O caminho formativo é organizado a partir das fases educativas, observando o desenvolvimento motor e cognitivo de crianças e jovens, e as possibilidades e potenciais de adultos, público de terceira idade e estudantes de inclusão. Também se observam as referências culturais e artísticas, desenvolvendo uma progressão de conteúdos através de níveis de habilidade, maturidade, desenvolvimento artístico.

O nível de aprendizagem não é modelar, isto é, os referenciais oferecidos não estão exteriores e dados a priori a experiência corporal do estudante. O desafio do professor é propiciar estratégias para que através da experiência referências comuns e objetivos de aprendizado sensorio-motor sejam construídos sem impor algo dado como pré-requisito para a conquista de um novo nível.

8.2 Abordagem autoral

A integração afetiva dos saberes é estimulada em sala de aula através da apreensão autoral dos assuntos e conteúdos abordados. Em se tratando de corpo, onde a implicação do indivíduo na construção do conteúdo é radical, valoriza-se a perspectiva de

formação de um dançarino criador-intérprete. No contexto da dança cênica, a discussão do criador-intérprete emerge com força a partir da modernidade e consolida-se nos formatos contemporâneos, e implica na valorização do sujeito que dança em sua totalidade psicossomática, desfazendo a separação mente e corpo, sujeito e objeto. Na tradição das danças populares e sociais, a discussão formal da autoria tem se fortalecido mais recentemente com a valorização de mestres e linhagens, e a observação da singularidade do saber-fazer em cada corpo, em cada história.

8.3 Integração teórico-prática

Quando tratamos da importância de trazer teoria à dança, não falamos somente na elaboração discursiva da prática e do encontro com pensamentos que estruturam o ofício da dança, mas trazemos a dimensão teórica para o desafio radical de especular a prática em seu próprio fazer através da experimentação, do estudo aprofundado e da improvisação. A reflexão na prática também se dá através do observar, do apreciar e do fruir, compreendendo comunicativamente o potencial da linguagem e articulando um discurso corporal e verbal sintonizados a partir da mesma.



9. AVALIAÇÃO

Os modos de avaliação praticados pelos diferentes Núcleos da ELD variam conforme a especificidade de cada segmento e são frequentemente reavaliados pela equipe de forma a estabelecer uma reflexão crítica sobre as formas como avaliamos arte, os critérios que possam ser mais pertinentes a cada momento do processo e sobretudo que direcionamentos os resultados das avaliações apontam, para de fato reformulamos ou afirmarmos caminhos tanto da pedagogia quanto dos percursos individuais de estudo de cada frequentador do projeto. Sendo assim, o tema da avaliação encontra-se no momento em uma abertura de definições, operando no presente momento na seguinte variedade de sistemas:

9.1 Teste de seleção

Método de seleção para as vagas dos cursos da Escola. Adequados aos diferentes níveis e fases do aprendizado, os testes de seleção verificam disponibilidades gerais para o trabalho artístico na linguagem da dança atentando para: disponibilidade corporal/ interesse pelo movimento; percepção espacial; percepção musical; capacidade de inserção em grupo e trabalho com colegas; disponibilidade para proposta de criação/ interesse por exercícios onde seja solicitado a criar a partir do corpo; capacidade de refletir sobre o trabalho corporal verbalmente (em roda de conversa ou a partir de exercício de escrita). É contemplada na fase de seleção a possibilidade de formação de turmas em equidade no que diz respeito ao equilíbrio de gênero e de raça. Por fim, se observa a possibilidade de inclusão de pessoas com deficiência nas turmas e também o percentual da municipalidade presente em cada grupo.

9.2 Diário de bordo / caderno de turma

Sistema de registro do processo adotado por cada turma, na qual os próprios estudantes vão formulando percepções sobre o seu aprendizado através da produção de relatos semanais sobre os temas de estudo. Formato de avaliação presente em todos os Núcleos.

9.3 Observador externo / professor visitante / banca

Momentos em que professores de outras turmas, artistas de outros projetos visitam as turmas, trazem comentários e até verificam conhecimentos quando orientados pelo artista-docente responsável pela turma formulando um parecer que se direciona aos macro objetivos de estudo daquela turma ou grupo, balizando a referência da equipe a partir de olhares que não tem relação direta com o processo mas podem se remeter a uma possibilidade de resultado. Formato de avaliação muito presente nos Núcleos Infantil e Preparatório.

9.4 Trabalhos, provas e tarefas

Formato de avaliação pontual referente ao cumprimento de objetivos específicos de aulas e/ou disciplinas. Aplicados e avaliados pelo artista-docente da turma, oferece ao estudante referencial sobre seu processo de aprendizagem. Formato de avaliação muito presente nos Núcleos de Adultos, Preparatório e Formação.

9.5 Feedback individual por escrito

Devolutiva formulada pelo artista-docente a seus estudantes durante um período a respeito de suas potencialidades individuais e também ressaltando pontos de estudo que exigem maior dedicação e seriedade. Formato de avaliação muito presente no Núcleo de Adultos.

9.6 Auto-avaliação

Formulário de avaliação na qual se expõem os objetivos do período e as possibilidades de assimilação dos mesmos pelos estudantes no qual cada um da turma preenche com suas impressões, despertando um processo reflexivo sobre sua real percepção de suas potências, limites, conquistas e fragilidades.



10. CONCLUSÃO

O projeto político pedagógico da Escola Livre de Dança tem sua abrangência e complexidade conexas a grandeza do município de Santo André, o oitavo maior do Estado de São Paulo. Com uma atuação que cobre faixas etárias diversas, com estudantes que vão dos 07 aos 70 anos de idade, de perfis culturais diversos e interesses artísticos também múltiplos, é importante que o leque de ações da Escola seja amplo e democrático, de forma a dialogar com a população local, trazendo informação e ensino de referência.

O grande desafio que se coloca a essa ação é compreender seu limite estrutural, epistemológico e orçamentário, uma vez que o florescimento das ações implementadas nos últimos anos apontam cada vez mais caminhos de desenvolvimento e desdobramento das ações que resultariam em um crescimento anual da Escola com demandas de novas turmas sobretudo na faixa etária dos maiores de idade e no interesse por aprofundamento e formação na área da dança.

Buscando compreender a potencialidade do alcance real de nossas ações, estamos no presente momento limitando nossa ação à manutenção das doze turmas que atualmente existem no projeto, apontando no horizonte o retorno de três turmas (a iniciação para jovens e adolescentes no projeto Dança Criativa; o nível Intermediário do Núcleo Preparatório; e a oferta da Formação Intensiva em anos alternados,

proporcionando o convívio entre turmas de formação de níveis distintos ao longo de seu percurso formativo) e a criação de uma nova turma (vislumbrando um braço de aprofundamento no Núcleo de Adultos, voltado à criação de espetáculos, em um projeto que se inspira no que um dia já existiu na Escola no Formato GPDC - Grupo de Pesquisa em Dança Contemporânea).

Ou seja, buscamos ainda recuperar turmas e projetos que já existiram na Escola em momentos anteriores, para nesse funcionamento mais próximo do ideal podermos nos dedicar a outra importante função da Escola Livre que é a difusão de dança e a formação de público. Ao longo dos últimos cinco anos temos repensado e qualificado nossos modos de criação trazendo para nossos espetáculos um papel público relacionado a uma política de fomento artístico para a cidade.

A lotação de nossas plateias, nos últimos três anos, não deixa dúvidas do serviço que temos feito para a formação de público interessado em dança contemporânea e também no que diz respeito em situar a produção da Escola como referência artística na região. Seria importante agora que esses trabalhos circulassem ainda mais, ampliando o alcance dentro da própria cidade, que cada vez mais se autorrepresenta nos exercícios que são criados, através da ação autoral dos estudantes, protagonistas de cada criação.



ESCOLA LIVRE DE TEATRO

Plano Político-Pedagógico





1. Introdução

O Projeto Político Pedagógico da Escola Livre de Teatro de Santo André foi escrito durante o ano de 2019, com a participação de toda comunidade escolar: aprendizes, coordenadores/as, mestres/as e funcionários/as.

A construção desse documento foi uma experiência de reconhecimento, organização do pensamento da escola, afirmação de nossa identidade, e possibilitou a discussão sobre nossos propósitos dentro desse projeto público de formação em teatro.

Nesse registro estão nossas diretrizes construídas e em constante revisão a partir fricção das relações da comunidade escolar entre si, seu tempo e o que nos cerca. Entender esse documento como um tratado definitivo da nossa pedagogia seria trai-lo – assim sendo, é necessário que seja revisto e atualizado a cada ano, a fim de construir com liberdade um projeto de formação artística que seja resultado, e atenda as urgências de sua relação com o mundo.

Essa versão que segue não é nosso documento na íntegra. Houve um esforço para sintetizar o projeto mantendo suas partes essenciais. Foi preparada para a apresentação pública dos Projetos das Escolas Livres de Santo André, atendendo ao Plano de Cultura da Cidade, no dia 13 de dezembro de 2019. A versão completa pode ser acessada no link: <http://culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/26/>

2. Apresentação

A Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT), é referência nacional e internacional na formação de artistas para o teatro, reconhecida pelo seu método inovador e pioneiro de trabalho, embasado na pedagogia da autonomia, na gestão coletiva e no processo de criação colaborativo, praxis essas que influenciaram diretamente no modo de trabalho dos grupos de teatro paulistas, conhecidos pela expressão “teatro de grupo”. Ao longo dos anos, elaborou-se uma metodologia que concebesse a arte da atuação como lugar de formação do indivíduo/a, em que a dimensão humana fosse inerente à dimensão

profissional. Esses foram e continuam sendo os alicerces pressupostos da escola desde a sua criação em 1990.

A defesa por uma pedagogia que visa a autonomia da/o aprendiz na relação ensino-aprendizagem, já aparece em seu primeiro documento constituidor, denominado Projeto Piloto, salvaguardando a importância de um centro **articulador** para que as pessoas interessadas pudessem estudar mais profundamente o ofício teatral. Destaca-se, ainda, no Projeto Piloto, um posicionamento de que o Estado deva ser entendido como um agente responsável pelo exercício dos direitos culturais, apoiando e incentivando a valorização e difusão dos conhecimentos produzidos por todos e todas dessa instituição.

Em 30 anos de existência, a ELT sempre cuidou para que seus/suas aprendizes se desenvolvessem artisticamente sem sujeitá-los/las a obrigações curriculares pré-definidas e pré-fixadas. A ELT foi pensada e assim se concretizou por (e para ser) um lugar de livre experimentação, onde a reflexão, o espírito crítico, a livre expressão, a capacidade autoral de criação e a noção de cidadania fossem pilares dessa formação artística.

3. Histórico

A Escola Livre de Teatro de Santo André - SP, mais conhecida como ELT, foi criada em 1990 na primeira gestão do prefeito Celso Daniel. Hoje, às vésperas de completar 30 anos de (re)existência, a ELT é uma referência na formação teatral do nosso país, e serve de exemplo para várias outras escolas livres que se criaram a partir da sua experiência.

Concebida pela Profa. Dra. Maria Thais Lima Santos e pelo então Secretário de Cultura da cidade de Santo André, o ator, diretor e professor Celso Frateschi, a ELT, inaugurada em 1990, no governo do prefeito Celso Daniel, funcionou até o ano de 1994, quando foi fechada por uma nova gestão eleita no município. O projeto foi retomado em 1997 na volta do prefeito Celso Daniel à administração da cidade e até hoje as atividades são desenvolvidas no prédio criado especialmente para abrigá-la, com a primeira reforma do Teatro Conchita de Moraes e com a construção dos anexos para abrigar as salas de aulas e outros espaços de criação.

O projeto original da escola, que ainda hoje orienta sua pedagogia tinha como base “conseguir mobilidade

de uma oficina cultural sem perder de vista a perspectiva formacional do aluno”, concebida para ser um laboratório, um local de experimentação teatral, tendo se transformado ao decorrer dos anos, em referência nacional. (Zarate, Simone. p. 50, Dissertação Santo André Cidade Futuro - Esta cidade é show).

O nome Escola Livre de Teatro já estava escolhido antes mesmo que o projeto estivesse estruturado no papel, segundo a qual a meta deveria ser “o embasamento, algo que permitisse passar para a comunidade os instrumentos necessários para se fazer teatro”. Neste sentido, a palavra “livre” parecia o elo essencial que uniria dois conceitos tão complexos e muitas vezes de difícil junção: o de escola (a práxis do ensino) e teatro (uma práxis da arte). A opção por uma escola de teatro atendia a uma reivindicação dos núcleos de artistas da região. Ao mesmo tempo ia ao encontro da forte tradição que a cidade possui na área desde fins da década de sessenta. Em Santo André surgiram grandes nomes do teatro nacional, entre eles atores, diretores, dramaturgos e um grupo, de solidez e renome, que marcou época na década de setenta, o GTC (Grupo de Teatro da Cidade). A ideia de uma escola ganhava concretude na medida em que isso representava o potencial para a realização de uma produção cultural independente.

Na apresentação do livro *O Alfabeto Pegou Fogo - Ensino das Artes em Santo André*, Celso Frateschi - Secretário de Educação, Cultura e Esportes, e Altair José Moreira - Diretor do Departamento de Cultura, ressaltam a urgência e necessidade em se criar espaços de pesquisa em artes cênicas que contemplem uma produção em teatro para além da lógica cultural do mercado, com modelos impostos pela indústria cultural, e que promovam a descentralização da produção de cultura.

O comprometimento social da escola, quando afirma que ‘o artista não pode perder a antena do mundo’, está registrado no documento ‘Projeto Piloto’, em que a Profa. Dra. Maria Thais Lima Santos traz uma significativa epígrafe de Eugênio Barba “(...) sejam quais forem as motivações pessoais que te trouxeram ao teatro, agora que exerces a profissão, deves encontrar um sentido que vá além da tua pessoa, que te situe socialmente frente os demais(...)”. No corpo do projeto essa ideia é reiterada na expressão “cabará a cada experiência artística encontrar o elo social”.

“A escola livre de teatro para mim é um espaço senão único, ao menos raro, no sentido de que estimula o ator criador, que reflete sobre as coisas e tem uma visão de mundo para colocar em seu trabalho” – Pierina Ballarini – aprendiz da terceira turma do núcleo de formação para atores e atrizes – ‘Os Caminhos da Criação, Escola Livre de Teatro/10 anos, 2000’.

“Participar da escola livre de teatro é estar pensando o teatro de forma ativa, dentro de um processo singular de investigação e criação teatral: é o espaço onde divido minhas inquietações, adquiro informações e – o mais importante – transformo o teatro em uma experiência muito pessoal, de vida.” Marcos Lemes – aprendiz do Núcleo de técnica circense e estudos do teatro contemporâneo - ‘Os Caminhos da Criação, Escola Livre de Teatro/10 anos, 2000’

A Escola Livre de Teatro de Santo André tem como orientadoras(es)/(mestras(es) artistas atuantes nas artes cênicas no país, objetivando assim um olhar artístico-pedagógico de pesquisadores/as de teatro, ligados/as essencialmente a uma prática atual, e – nesses 30 anos - formou boa parte das/os artistas que movimentam hoje a cena cultural do Município, do Estado de São Paulo, e do país (Cia Os Inventivos, Cia do Nó, Teatro da Conspiração, As Fiandeiras, Cia do Mofo, Coletivo Negro, Coletivo o Bonde, Coletivo Kizumba, Cia 28 Patas Furiosas, Cia Estrela D’Alva, Coletivo Carcaça de Poéticas Negras, Coletivo Okan, Cia. de Teatro Rococós, Grupo Forfé de Teatro, Grupo Poleiro do Bando, Grupo Teatro Barração, Linn da Quebrada, Lininker e os Caramelows, Craca e Dani Nega etc).

“Difícil dizer concretamente como a experiência da Escola Livre reverbera, de modo decisivo, na constituição do meu trabalho artístico. Uma escola deixa marcas profundas: navega conosco ao longo de nossas vidas. É como uma cicatriz, que sempre está ali, para nos lembrar o episódio do acidente. O trajeto por uma escola, depois de concluído, passa a compor nosso DNA. (...) Se sou hoje um artista que busca olhar o mundo de forma sensível, que faz de cada encontro uma celebração, é porque navega dentro de mim uma escola cujo nome é a Escola Livre de Teatro de Santo André.” Antônio Correia Neto formado na primeira turma do primeiro período da Escola Livre de Teatro - Relato do livro *Reminiscências dos 20 anos da Escola Livre de Teatro de Santo André por seus fazedores* – 2010.

4. O Teatro Conchita de Moraes e a escola

Teatro Conchita de Moraes: (Maria de la Concepción Alvarez Bernard (1885 – 1962), atriz cubana radicada no Brasil, conhecida como Conchita de Moraes - mãe de Dulcina de Moraes (1908 - 1996), grande dama do teatro brasileiro).

Criado pelo Governo do Estado em 1959, o Teatro Conchita de Moraes foi inicialmente erguido para ser o auditório da Escola Estadual Professora Carlina Caçapava de Mello, existente no mesmo quarteirão da ELT. Em 1963, em convênio com a prefeitura, o teatro acolhe o festival de teatro amador de Santo André. Em 1970, começa a ser administrado pelo município que passa a utilizá-lo como um dos espaços teatrais da cidade. Nos anos 80, o Conchita de Moraes abrigou festivais e mostras de teatro da cidade e região, além de espetáculos independentes.

Mas é a partir de 1990 que passa a ser utilizado, de forma provisória, pelas turmas da Escola Livre de Teatro (ELT), criada pela gestão da época. Em meados dos anos 90, é realizada uma reforma que o reconfigura na arquitetura atual, passando a abrigar a Escola Livre de Teatro de forma definitiva, e a programação de teatro vinculada a grupos de pesquisa independente em artes cênicas.

A indissociável relação entre o espaço da Escola Livre e o Teatro Conchita de Moraes é a garantia de poder reverberar na programação pública de arte da cidade seus próprios frutos e estudos, e sobretudo criar um espaço de apresentação que aprofunde o debate artístico sobre o fazer teatral de grupos independentes, com espetáculos convidados dentro desse espectro de pesquisa. Dessa forma, a cidade tem uma alternativa cultural que difere de outros espaços com programações voltadas para uma produção teatral mais comercial, legitimando assim a existência da escola na própria cidade, projetando seu futuro em rede, num ‘triângulo’ interdependente: projeto de formação, projeto de difusão e projeto de formação de público.

5. Objetivos da ELT

- Compartilhar pesquisa nas áreas das artes cênicas
- Partilhar um espaço de reflexão e prática artística-teatral aliada à possibilidade de emancipação das relações sociais e de cidadania



- Criar e projetar espaços de interlocução entre a cidade e os/as artistas
- Vivenciar experiências em arte e cultura de forma crítica e coletiva
- Criar um espaço de debate entre artistas atuantes e artistas em formação

6. Princípios da ELT

Não será permitido nas dependências físicas da escola qualquer tipo de discriminação, violência, assédio ou opressão, seja em virtude de padrões estéticos, raça/etnia, cor, idade, gênero, orientação sexual, estado civil, e de posição política, ideológica, filosófica e/ou religiosa, ou por qualquer outro motivo, sob pena de advertência, suspensão ou desligamento, e encaminhamento jurídico sob as penalidades que lhe forem aplicáveis. Posturas autoritárias e discursos que preguem a violência e o ódio não serão admitidas.

Em casos extremos de denúncia, quando for solicitado o afastamento de um integrante da comunidade escolar, será convocada a formação de uma comissão deliberativa, responsável pelo encaminhamento do

caso. Tal comissão deve ser representativa, formada por aprendizes, coordenadores/as, professores/as e funcionários/as), devendo também ser diversificada no que diz respeito à proporcionalidade de etnia/raça e identidades de gênero.

A escola envidará os maiores esforços para:

- 1) Promover a diversidade humana e cultural
- 2) Combater a discriminação de qualquer natureza
- 3) Combater a LGBTIfobia
- 4) Combater abusos físicos, morais, psicológicos, sexuais e qualquer tipo de assédio, violência ou opressão
- 5) Combater a desigualdade social
- 6) Estimular a equidade de gênero e étnico-racial

7. Termos utilizados na ELT

7.1 Livre

A construção da liberdade requer responsabilidade, rigor e dedicação constantes. Michel Foucault, em seus escritos sobre o tema, insiste que a liberdade nunca será uma libertação completa ou uma emancipação

absoluta, simplesmente porque novos poderes, e novas relações de mando se criam. A liberdade está no exercício ininterrupto da resistência, da revolta e da recusa. A liberdade não é um estado, mas uma ética. A proposta artístico-pedagógica da escola é livre porque:

- não comunga com os modos de produção imediatistas do mercado e da reprodução de modelos muitas vezes impostos pela indústria cultural.
- porque acredita numa prática horizontal, na assimetria de funções, nas relações entre educador/a e educando/a - pois o processo de aprendizagem é mútuo • ao invés de reproduzir o modo de relações hierarquizadas e autoritárias, presentes nas salas de aula do nosso ensino tradicional.
- não se vincula às exigências regulatórias do Ministério da Educação para os cursos técnicos e de graduação em teatro.
- busca constantemente a construção de um ambiente educacional pautado na relação de escuta e proposição de todos os envolvidos na comunidade escolar.

“Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar sistemas de dominação existentes”. *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, Bell Hooks.

7.2 Autonomia

O termo autonomia está na origem do pensamento sobre pedagogia da escola. Ele fundamenta a construção do projeto piloto artístico-pedagógico da ELT.

O educador Paulo Freire, e a educadora Bell Hooks em seus escritos e estudos sobre processos de aprendizagem, desenvolvem grande reflexão sobre a importância de um processo pedagógico ancorado na relação autônoma com o conhecimento, e são referência para nossas pesquisas dentro da escola. Segue dois trechos da obra desses autores que ilustram bem o sentido do termo nas nossas práticas:

“Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral de ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse tra-

balho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes vivas no aprendizado.” *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, Bell Hooks.

“Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, assuma a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que se recusa a escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da formação do educando como sujeito do conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos, criticamente realizado, envolve abertura total do professor ou da professora, a tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. Mais ainda, envolve a iniciativa do professor que deve estimular aquela tentativa no educando, ajudando-o para que a efetive.” *Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire.

7.3 Processo colaborativo:

As experiências cênicas da ELT são construídas a partir de um **modo de produção coletivo**, onde a turma envolvida participa e é responsável por todas as instâncias da criação, respeitando as diferentes funções de cada integrante no trabalho. Dessa forma, ninguém se aliena de nenhuma etapa do processo artístico, conferindo à laboração de criação uma identidade pertencente a todas as vozes empenhadas na pesquisa. Trata-se da construção de uma obra, onde cada um/a deve assumir a responsabilidade de ser sujeito/a do processo artístico, e não objeto, numa intensa colaboração, participação, provocação e debate dentro da coletividade.

7.4 Horizontalidade e permeabilidade:

É fundamental ter a consciência da assimetria de funções dentro do processo da sala de aula entre mestres e aprendizes, é prioridade para o desenvolvimento do trabalho. Todavia, isso não se traduz em uma relação de hierarquia onde a/o mestre tenha uma soberania de ações e as/os aprendizes apenas se submetam à elas. E vice e versa. A horizontalidade nas relações em sala de aula exige a todo o momento, de todas as partes envolvidas no processo artístico pedagógico, buscar o equilíbrio entre autoridade e liberdade. Sobre isso diz Paulo Freire – no livro *Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa*:

“O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. (...) Assim como inexistência disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, a autoridade ou liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais. Entre nós, em função mesma do nosso passado autoritário, contestado, nem sempre com segurança por uma modernidade ambígua, oscilamos entre formas autoritárias e formas licenciosas. Entre uma certa tirania da liberdade e o exacerbamento da autoridade ou ainda a combinação das duas hipóteses. O bom seria que experimentássemos o confronto realmente tenso em que a autoridade de um lado e a liberdade de outro, medindo-se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas. Para isto, o indispensável é que ambas, autoridade e liberdade, vão se tornando cada vez mais convertidas ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se”.

7.5 Mestres/as e aprendizes, orientadores/as e orientandos/as, educadores/as e educandos/as, professores/as e alunos/as

O debate na escola acerca da nomenclatura sobre os papéis desempenhados nas salas de aula é constante. Essas discussões tem buscado tanto desmitificar as funções, fugir das relações de poder hierarquizantes que possam estar por trás das palavras, e responsabilizar cada parte envolvida no processo educacional.

O caminho tanto do mestre/a como do/a aprendiz é desafiador e demanda grande disposição e doação.

Desempenhar verdadeiramente o papel de aprendiz em nada se aproxima com submissão aos conhecimentos. Assim como desempenhar verdadeiramente

te o papel de mestre/a, em nada se aproxima com a transferência de saberes.

Mestre/a e aprendiz são palavras que não devem construir uma distância na relação de aprendizado, ou uma hierarquia de poder. Muito ao contrário, visam nos lembrar, sempre, o quão **humano**, portanto falível e a todo momento em construção reparadora, deve ser esse caminho. Apenas nos mostram o quão pequenos e distantes estamos de uma postura íntegra de aprendizes e de mestres/as genuinamente.

Não quer dizer que todos os alunos são aprendizes, nem que todos os professores são mestres. Mas ao colocar essas palavras no vocabulário da comunidade escolar, traçamos um horizonte e uma busca para ambas as funções, e a todo momento olhamos nosso trabalho através delas.

Estudar essas palavras no exercício da discência e da docência é buscar e experimentar na prática a beleza do **processo humano de formação**², onde o mestre/a ‘ensinando aprende’, e o aprendiz, ‘aprendendo ensina’.

“O entusiasmo pelas idéias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. (...) E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. (...) A visão constante da sala de aula como um espaço comunitário aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e manter uma comunidade de aprendizado.” *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, de Bell Hooks.

“Longe de querer despertar prematuramente o artista que existe em cada aprendiz, o papel do mestre também está em provocar que ele domine profundamente seu ofício. Proporcionando assim que o aprendiz possa descobrir de forma processual com o passar dos anos que o domínio profundo de sua arte, longe de oprimir, liberta.” (a partir de *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen* de Eugen Herrigel).

2. A palavra formação é usada aqui num sentido amplo. Abarca uma formação totalizante do ofício em teatro, que se refere a oferta de experiências de cunho estético, cênico e social, numa perspectiva coletiva e horizontal. Formação como quem constrói algo, forma em si e nos outros novas possibilidades de relação consigo, com o outro, com o espaço social e a criação artística.



8. Conceito de comum: gestão e ocupação do espaço público

O conceito de livre que orienta o sentido da escola permite um diálogo com outro conceito que também vem sendo discutido e elaborado, a saber, o de COMUM. Entendemos por COMUM um projeto artístico-político-pedagógico constituinte de um modo coletivo de organização do espaço, que acontece a partir da diferença, e não da desigualdade. Um modelo de gestão e cooperação em prol do uso coletivo do espaço escolar. Um processo político que convoca a comunidade escolar a imaginar e agir para além das formas estratifi-

cadas de organização disponibilizadas pelo mercado e o Estado moderno. Uma vida em coletivo - sendo esse coletivo formado por aprendizes, mestres/as e funcionários/as, e suas criações.

A ideia central é a de fazer junto, de produzir coisas que sejam destinados a todos. Um agir em comum, ou seja, um ato de se engajar junto na tarefa de incentivar novas obras, novas relações, novas práticas, assim como, produzir novas regras internas que regulem as ações. É o exercício por criar (instituir) um espaço onde o direito de uso prevaleça sobre o de propriedade, onde a solidariedade prevaleça sobre o utilitarismo e concorrência.

É a defesa de um espaço autônomo do ponto de vista da sua organização e convivência. Um espaço que delibera em comum para determinar o que convém à comunidade escolar e o que é justo fazer. Um espaço de indagação acerca do viver juntos - entendido não simplesmente como uma somatória de indivíduos convivendo no mesmo espaço, mas como uma co-atividade que põe em comum pensamentos e discursos, que produz, por deliberação, costumes semelhantes e regras de vida que se aplicam a todos que buscam um mesmo fim. Um espaço que torna possível a afirmação de cada um, mas uma afirmação que só tem validade, justamente, entre todos e de certa forma para todos.

9. Proposta pedagógica curricular

A proposta curricular da escola observa a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e, história e cultura indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Embora a ELT seja livre das exigências regulatórias do Ministério da Educação, a proposta curricular da escola observará a Lei 11.645/08, valorizando o protagonismo das matrizes africanas e indígenas na formação da nossa diversidade cultural brasileira.

Da mesma forma, levando-se em conta a hegemonia quase total de práticas e saberes produzidos por homens cisgêneros brancos nos ambientes de formação artística, e, mesmo que não haja uma lei regulamentando nem a obrigatoriedade do ensino da cultura LGBTI+ nas escolas, nem a proporcionalidade de gênero na composição das instituições, a ELT na sua proposta pedagógica curricular se compromete a diversificar o repertório de referências estéticas e bibliográficas utilizado na formação e nos núcleos. Destaque-se a vulnerabilidade social específica de pessoas transvestigêneros, o que torna urgente a inclusão das produções artísticas e teóricas desse segmento social nos processos pedagógicos.

A proposta curricular da ELT tem um formato de projeto artístico continuado e ao mesmo tempo flexível, que permite alterações solicitadas pela própria prática durante o processo de criação, em escuta com toda a comunidade escolar e em consonância com o seu tempo.

Quaisquer alterações devem acontecer sempre a partir da aprovação de planejamento pedagógico feito

pela equipe docente responsável, em constante escuta com a comunidade escolar, assim como junto à equipe de coordenação pedagógica, caracterizando a pedagogia livre adotada pela escola e em comum acordo com a secretaria de cultura.

O currículo da escola se divide em:

- **1 Núcleo de formação de atrizes e atores**

Com duração de 4 anos letivos.

- **10 Núcleos de pesquisa continuada**

Com duração de 01 ano letivo.

9.1 Núcleo de Formação de Atrizes e Atores

O Núcleo de Formação da Escola Livre de Teatro pretende formar artistas que, além de estarem aptos a trabalhar nos diversos campos abertos aos profissionais de artes cênicas, sejam também conscientes de seu papel na sociedade, enquanto pensadores capazes de dialogar, por meio da criação artística, com as diversas questões individuais e coletivas vivenciadas pelo ser humano.

O Núcleo tem a proposta de oferecer uma instrumentalização, prática e teórica, nas diversas linguagens teatrais existentes – sendo essa apenas uma das prerrogativas do curso, o aprendiz deverá se formar apto a pensar o teatro e a arte a partir de suas próprias concepções de pesquisa, a fim de, após o curso, escolher dentre os diversos caminhos apresentados no decorrer de seu aprendizado.

Os dois primeiros anos são dedicados à formação básica em teatro e incluem disciplinas teóricas e práticas. É oferecida não só uma ampla experiência (sobre história, teoria e atuação teatral), mas principalmente práticas que forneçam um repertório de conhecimento a fim de propiciar uma reflexão sobre as diversas possibilidades de pesquisa em artes e políticas públicas para a cultura.

Os dois últimos anos do curso ampliam a formação básica no sentido de proporcionar aos aprendizes a elaboração de experiências cênicas em diferentes linguagens. Nesse período são desenvolvidos no mínimo dois projetos artísticos, cada qual com um foco de aprendizado diferente, que envolvem não só a criação do aprendiz enquanto artista-pesquisador em formação, mas também todo o trabalho de preparação e produção de uma obra artística.

O Núcleo de Formação de atores e atrizes possui a duração de 4 anos, com aulas que acontecem de segunda a sexta-feira das 18h30 às 22h30, e em 2019 ofereceu as seguintes matérias:

Primeiro ano

Improvisação, jogo e dramaturgia da atriz e do ator.

Autonomia dos Corpos da Atuação para Composição Cênica.

Introdução ao pensamento crítico - Política, ética e estética.

Literaturas e Gêneros Dramáticos.

Segundo ano

Atuação a partir das oralidades dramáticas no Brasil.

Percepção e consciência corporal.

Fundamentos do corpo-voz e da palavra.

História do Teatro no Brasil: Hiatos e insurgências poéticas.

Terceiro ano

Orientação para uma atuação e montagem épica-dialética.

Orientação musical para processo de pesquisa e criação.

Treinamento da atriz e do ator para o processo de pesquisa e criação.

Estudo crítico das políticas públicas em cultura - disputas, conflitos e vetos.

Quarto ano

Orientação de processo - pesquisa, criação e direção.

Pesquisa Circense - Arena dos corpos.

Estudo crítico das políticas públicas em cultura - disputas, conflitos e vetos.

9.2 Núcleos de Pesquisa Continuada

Os Núcleos de Pesquisa Continuada objetivam a verticalização dos estudos em linguagens específicas do teatro. São núcleos escolhidos ano a ano, conforme às urgências e necessidades da comunidade escolar, do desenvolvimento das pesquisas no campo do teatro no Brasil e no mundo, e do olhar para o compartilhamento em arte com os artistas de Santo André.

Os estudos e experiências artísticas dos Núcleos de Pesquisa, e do Núcleo de Formação para atores e atrizes, devem se interseccionar visando um pensamento em rede sobre teatro dentro da escola. Os materiais

artísticos produzidos por cada Núcleo de Pesquisa Continuada devem ser compartilhados nas mostras gerais da escola, mas também através de encontros entre as turmas e ações públicas de fomento às pesquisas que estão sendo encaminhadas.

Os Núcleos de Pesquisa Continuada, possuem a duração de 1 ano, com aulas que acontecem durante a semana das 14h às 18h ou das 18h30 às 22h30, e em 2019 ofereceu as seguintes áreas de pesquisa:

01. Núcleo de Iniciação Teatral

02. Núcleo Laboratório Experimental de Teatro

03. Núcleo de Direção Teatral – Orientação de Processos Criativos

04. Núcleo de Dramaturgia

05. Núcleo de Sonoridades

06. Núcleo de Pesquisa Circense – Arena dos Corpos

07. Núcleo Mulheres em Movimento – Teatro e Sociedade

08. Núcleo de Musicalização a partir das Culturas Originárias do Brasil

09. Núcleo de Texto e Cena (Gêneros Textuais e Identidades de Gêneros)

10. Núcleo Estudo Crítico das Políticas Públicas em Cultura – Disputas, Conflitos e Vetos

10. Avaliação

A avaliação é realizada através de um diálogo constante entre o corpo docente e aprendizes, onde o que se busca é tornar consciente a postura da/o aprendiz diante dos materiais pesquisados, levando em conta seu envolvimento, pesquisa, presença e colaboração no processo coletivo da turma.

A avaliação dos processos pedagógicos da escola não são feitas a partir de notas ou conceitos. No entanto, ao final de cada semestre, cada aprendiz juntamente com os/as professores/as, tem a possibilidade de refletir sobre seu processo artístico pedagógico e as relações de ensino e aprendizagem construídas ao longo dos meses.

‘Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e professores vem se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra avaliação,



de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação como instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação.' (Paulo Freire - *Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa*)

11. Conselho de faltas

O conselho de faltas é uma forma encontrada pela escola para zelar pela possibilidade de presença máxima do/a aprendiz na sala de aula, é uma ação que visa a permanência nos estudos, ameaçada por questões financeiras, emocionais, de saúde, moradia entre outros, e acontece a cada final de semestre letivo.

Criado em 2018 conjuntamente entre a equipe docente e discente da escola, em documento assinado por todas/os, ficou estabelecido que aprendizes que ultrapassarem 4 faltas por semestre serão recebidos pelo conselho, composto por representantes da coordenação e mestres/as do ano letivo do(a) aprendiz, a

presença do(a) próprio(a) aprendiz e de um(a) representante do corpo discente de sua turma designado(a) pelo(a) mesmo(a). Dessa forma a escola tem a possibilidade de mapear as causas de ausência, bem como tomar medidas para tornar a acessibilidade à ELT cada vez mais pública, sem critérios elitistas, identificando com mais precisão quais os problemas frequentes que impedem a permanência na sala de aula.

Assim sendo, o Conselho de Faltas **não** possui uma lógica punitiva, mas sim de apoio e amparo aos educandos, visando seu melhor aproveitamento no processo de aprendizado, seja enquanto indivíduo/a, seja enquanto grupo.

A partir do conselho de faltas ações são criadas para minimizar as ausências decorrentes de dificuldade financeira, problemas de saúde psicológicos, problemas de saúde gerais, problemas com negligência em relação ao comprometimento com o trabalho em sala etc. É um espaço de diálogo e avaliação.

O conselho é deliberativo e conjuntamente toma a decisão de qual a melhor forma de garantir, o mais íntegro possível, o percurso pedagógico da/o aprendiz:

se continua o processo juntamente com sua turma, se refaz o ano letivo, ou em casos extremos de indolência e negligência, se é convidada/o a se desligar da escola.

12. Certificados de conclusão de curso/histórico escolar

Por ser uma Escola Livre dos parâmetros regulatórios do Ministério da Educação, a escola não fornece diploma ou Registro Profissional. Ao concluir o núcleo escolhido, o aprendiz receberá um histórico reconhecido e assinado pela Secretaria Municipal de Cultura e Coordenação Pedagógica de suas horas- atividades na escola, da carga horária cumprida, assinalado que o núcleo foi concluído. Caso o aprendiz não tenha concluído o núcleo escolhido, receberá um histórico reconhecido e assinado pela Secretaria Municipal de Cultura e Coordenação Pedagógica, apenas com as horas- atividades da carga horária cumprida realizada na escola, onde será assinalado que não concluiu o curso na sua integridade.

13. Fóruns ELT

Os Fóruns da ELT são espaços de discussão e debate que procuram integrar a comunidade escolar e suas questões, para além da convivência e processos das salas de aula. São espaços que visam discutir sobre o funcionamento geral da escola, seus fundamentos pedagógicos, políticos e sociais, bem como sua dimensão pública dentro da cidade.

Em diversas ocasiões foram convidados para participar do debate outros programas de formação da secretaria de cultura (EMIA, Escola Livre de Cinema, Escola Livre de Dança), bem como representantes da própria secretaria de cultura para debater esses projetos e suas intersecções, suas interferências na cidade, fragilidades e necessidades de avanço. Esse compartilhamento se mostrou bastante importante para entender a escola inserida numa tentativa de projeto de política pública em formação, e há o interesse, e necessidade em se manter alguns fóruns nesse formato.

Sobre os Fóruns segue texto reproduzido na íntegra do corpo discente:

Fórum geral – Faz parte do calendário oficial da escola e tem a participação de toda comunidade escolar (corpo discente, corpo docente e funcionários/as). Seu formato e pautas são discutidos previamente por uma

comissão com todas as partes representadas. Acontece 2 vezes em cada semestre.

Fórum dos/as aprendizes – Criado em 2018 para discutir demandas e questões internas do corpo discente, criando um espaço socializante e de pensamento entre as turmas, para além dos seus processos em sala. Acontece 2 vezes em cada semestre.

Fórum preto - Organizado pelos coletivos negres, junto a coordenação e os outros aprendizes duas vezes ao ano para pensar a questão racial na escola e no teatro. Faz parte do calendário oficial da escola. O Fórum Preto foi idealizado pela Artícula Preta (movimento de aprendizes pretas e pretos da Escola Livre de Teatro, inicialmente composto por Adriana Miranda, Isamara Castilho, Jeniffer Rossetti, Jhonny Salaberg, Patrick Carvalho, Priscila Guedes, Renan Okê e Thaís Oliverisi). Criado na intenção de levantar questionamentos raciais, o Fórum Preto sintetiza debates importantes sobre raça, classe e gênero dentro de uma escola de teatro, abrangendo o diálogo entre comunidade escolar, artística e social. Onde estão as pessoas negras nos espaços voltados à arte? Quais são os espaços com real interesse na recepção de conteúdos de produção preta? Quais são as personagens disponíveis para um elenco negro? Quantas são as referências negras estudadas como BASE de conhecimento? Onde está a inclusão de professoras(es) negras(os) no corpo docente da ELT? Esses são alguns dos apontamentos que serviram como disparadores para a união de uma articulação preta. Criado em 2017, o Fórum Preto acontece duas vezes ao ano desde então. À princípio o mesmo tinha um formato de fórum, com discussões sobre as temáticas apontadas. Com o tempo foi se modificando, as demais edições contaram com performances, oficinas, debates públicos, intervenções poéticas e outras ocupações artísticas, todas realizadas por pessoas negras. É importante reiterar que o Fórum Preto é criado e realizado por pessoas pretas, mas que a presença de pessoas brancas é de extrema importância, desde que entendam e respeitem seu lugar de fala. Afinal, a grande contribuição de uma iniciativa como essa, é de justamente criar um espaço aonde essas relações (de corpos negros e corpos brancos), possam existir e coexistir na tentativa de não reproduzir tanto as marcas da opressão. E isso é também um processo gradual de aprendizagem e deve ser visto como tal, pois 'dentro de uma instituição de ensino, é fundamental que o movimento negro tenha voz, tendo em vista que é ele que

educa e abarca questões que a outras frentes não são possíveis, devido ao racismo institucional, ainda muito enraizado' - (Gomes, Nilma Lino - Movimento Negro Educador). O movimento foi responsável por deliberar a contratação de mais mestres pretas e pretos, com pesquisa sobre o teatro negro no currículo pedagógico da escola. E também pela realização do primeiro edital público com ações afirmativas para aprendizes negras e negros nas formações.

(OBS: A falta de um coletivo negro, não isenta a escola (mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

Fórum trans - Organizado pelos coletivos TRANS e LGBT junto a coordenação e os outros aprendizes para pensar a questão de gênero na escola e no teatro e outros assuntos pertinentes.

(OBS: A falta de um coletivo Trans, LGB, não isenta a escola (mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

Fórum das mulheres - Organizado pelos coletivos de mulheres junto a coordenação e os outros aprendizes para pensar a questão de gênero na escola e no teatro e outros assuntos pertinentes.

(OBS: A falta de um coletivo de mulheres, não isenta a escola mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

"No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um 'Sine Qua' da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que ter a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado." (*Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa* - Paulo Freire).

14. Sobre o corpo docente

'Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou essa aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e mobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.' (Paulo Freire - *Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa*).

Nestes 30 anos de ELT, o corpo docente desde sempre foi formado por artistas-pesquisadores de reconhecida capacidade artística e pedagógica, sempre advindos de modos de produção coletivo, construindo junto aos aprendizes um processo de troca e criação, onde todos são sujeitos e objetos da própria pesquisa, embaralhando, dessa forma, as disposições na relação de "quem ensina/quem aprende".

O corpo docente é formado por artistas-pedagogos(as) com comprovada formação acadêmica em suas áreas ou com formação livre (sem a necessidade de titulação), porém, com notório saber na área. Em ambos os casos se faz obrigatório que os integrantes do corpo docente sejam artistas ou profissionais atuantes na atual cena teatral brasileira, e que possuam



vínculos concretos com grupos, coletivos, companhias ou produções artísticas, e que constantemente atualizem suas práticas artísticas e pedagógicas. Também se faz necessário que o corpo docente contemple em seu espectro a diversidade étnica, racial, de gênero e cultural.

Em síntese, o perfil dos profissionais a serem contratados (coordenação e corpo docente) deve ser constituído levando em conta a prática artística e pedagógica atual do profissional, a diversidade de raça/etnia, gênero e cultural, a capilaridade de trabalho no estado e no território nacional/internacional, e a formação em linguagens teatrais específicas, tais como: atuação, circo, máscara, direção, dança, teoria e experiência com formas de organização e criação coletiva e colaborativa.

15. Sobre o corpo discente

Texto das/os aprendizes da escola reproduzido na íntegra: Uma **escola-mãe** de artistas e coletivos teatrais que nascem aqui e se espalham pela cidade. Nas frestas, nas esquinas, nos centros, nos buracos, nas quebradas. Pessoas que se juntam e vão agir pela cidade. Criando outras narrativas, colocando corpos outros em ação, movendo outras perguntas. Vão e voltam. Artistas e coletivos que passaram aqui como aprendizes e voltam como artistas-mestres. Trocando com os que estão pela escola agora. Criando pontes entre espaços de formações, experiências artísticas, linguagens cênicas e olhares poéticos sobre o mundo.

Uma escola que transborda os perímetros de Santo André. Em um fluxo e contrafluxo, aqui estão pessoas de todos os cantos do Estado. Dentro, fora, centro, trás, fundos: Acre, Colômbia, Recife, Mato Grosso, Argentina, Minas Gerais, Paraíba. Tantos outros buracos. Aqui é a estação de chegada, terra pra chegar e se fazer. É uma **escola-catapulta** que traz e depois lança as pessoas pro mundo, pra multiplicar. Uma escola que fica pelo corpo de quem passa. Criando um olhar singular sobre seus fazeres.

A **Escola Livre de Teatro** abre espaço para outros corpos e suas criações, seus pensamentos, seus olhares. As formas e as fôrmas. A escola não cria uma forma para quem chega. Cada um chega com sua fôrma e vai ganhando outros contornos a partir do encontro com o outro - aprendizes, técnicos, mestres, funcionários. Sempre em transformação. Sempre em trânsito. Se reorganizando a partir de quem está pulsando aqui. A

escola é espaço para aflorar outras maneiras de estar no mundo, um espaço que recebe potências e permite que elas afluam, que elas se expandam e se recriem.

Os discentes da ELT devem sempre estar mobilizados e articulados, visando garantir, junto com educadores, coordenadores e gestão municipal o constante aprimoramento dos processos de trabalho da instituição, de modo a não perder suas perspectivas: histórica, teórica e metodológica, bem como seus princípios.

As reivindicações devem pautar a busca por:

- horizontalidade nas relações dentro da ELT
- estratégias de contribuição para redução das desigualdades sociais
- propor políticas para que barreiras socioeconômicas não impeçam o acesso dos educandos à escola
- manutenção dos princípios da ELT
- combater todo e qualquer tipo de discriminação, violência, assédio e opressão
- manutenção e desenvolvimento das Ações Afirmativas

16. Sobre as ações afirmativas

“O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender, e aprender novas maneiras de conhecer que vão contra corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.” *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade* – Bell Hooks.

Texto do corpo discente reproduzido na íntegra:

As ações afirmativas na Escola Livre de Teatro são fruto de muita luta dos/as alunos/as, efetivando-se no ano letivo de 2019. Através de sua consolidação é verificável a necessidade de caminhar em conformidade com outras ações, visto que sua eficácia se dá através de políticas de permanência. Acreditamos que essas

políticas devam existir futuramente para assegurar a continuidade e bem estar desses estudantes cotistas e não cotistas dentro da escola. Atualmente, a Escola Livre de Teatro está disponibilizando 50% de vagas para ações afirmativas, e estas vagas serão distribuídas conforme abaixo:

Caso o (a) candidato (a) se inclua na **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)” deverá autodeclarar-se no campo apropriado da ficha de inscrição. No mínimo 80% (oitenta por cento) do total das vagas disponíveis para **ação afirmativa** serão destinadas a estes (as) candidatos (as). Caso o (a) candidato (a) se inclua na **ação afirmativa** “Pessoa **trans**” deverá autodeclarar-se no campo apropriado da ficha de inscrição. No mínimo 20% (vinte por cento) do total das vagas disponíveis para **ação afirmativa** serão destinadas a estes (as) candidatos (as). No caso das vagas reservadas para **ação afirmativa** “Pessoa **trans**” não serem preenchidas, essas vagas serão direcionadas a candidatos (as) que se autodeclararam na **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)”. Se as vagas reservadas para a categoria **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)” não forem preenchidas, serão disponibilizadas para outros (as) candidatos (as).

Uma das políticas de permanência que acreditamos ser necessária é o direito ao transporte público gratuito para os aprendizes, visto que muitos tem dificuldade para acessar as dependências da escola. Mesmo sabendo que a escola não faz parte da Secretaria de Educação da cidade Santo André, temos em vista que isso é definitivo para a permanência dos/as aprendizes cotistas e não cotistas na escola. Além de disso, outras políticas se fazem necessárias como o atendimento Psicossocial, Acessibilidade de estudantes portadores de necessidades especiais, auxílio alimentação, entre outros.

Entendemos que para o processo de seleção faz-se necessário que o estabelecimento de critérios passe também por um estudo, um embasamento teórico, sobre as questões que afligem as diversas camadas sociais

A falta da representatividade de minorias sociais que se fez no passado e que decorre na contemporaneidade, provocou o surgimento e manutenção de movimentos sociais e políticos por ações afirmativas em diversas esferas da educação. No teatro, podemos citar o dramaturgo e poeta brasileiro Abdias Nascimento que reivindica o protagonismo negro no teatro e funda

em 1944 o Teatro Experimental do Negro (TEN), que tinha como objetivo denunciar as formas de racismo sutis e ostensivas, bem como fazer com que o negro tomasse consciência da situação objetiva que se achava inserido. Abdias relata que o primeiro personagem de destaque encenado por um ator negro foi aos teatros brasileiros apenas em 1945. Abdias discute ainda que eram comuns as obras dramáticas onde o negro fazia o cômico, o pitoresco ou mera figuração decorativa. Hoje ainda se vê no Brasil obras que reproduzem o blackface, movimento que teve início nos shows de menestréis norte-americanos no século XIX, onde o negro é representado através de um branco com rosto brochado de negro em papéis burlescos e alegóricos.

Como aprendizes da escola, entendemos a importância da (trans)figuração de vida que o teatro possibilita para aprendizes e para comunidade. Ele não apenas nos prepara para a criação de uma cena mas sim nos aflora a sensibilidade, presentifica o corpo, e nos permite uma reflexão de quem somos. Não podemos estar restritas a sermos meras vias de uma ideia ou texto, entendemos que somos agentes da nossa própria realidade que está em constante e lânguida metamorfose.

O determinismo social que se apresenta hoje, levanta questionamentos que são importantes para a percepção da representação de minorias ou grupos sociais que são marginalizados. Entendemos que as ações afirmativas propostas pela Escola Livre de Teatro buscam, por meio de vários segmentos, transformar a realidade que estamos inseridas e despertar uma possibilidade que amplie nossa representatividade na sociedade.

No Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento, havia em seu início a necessidade de alfabetização dos seus participantes recrutados entre operários, empregados domésticos e favelados sem profissão definida. Essa característica assemelha-se ao papel político e social do teatro de Brecht. Além disso, Abdias afirma que para a construção do TEN foi necessário, sobretudo, manter-se o distanciamento referindo-se a Brecht já que as tradições e desafios do fazer teatral se impunham de forma paternalista e dogmática. Era necessário, nesse teatro “tocar tudo como se fosse a primeira vez”. Portanto, era visado com o TEN a possibilidade de transformação coletiva tanto para quem assiste como para quem participa do processo artístico teatral.



Na perspectiva contemporânea, grupos marginalizados clamam não apenas sua representação mas, sobretudo, por sua representatividade. Vê-se primordial discutir a crise da representatividade que se faz presente no teatro, televisão ou cinema atuais. Para que grupos marginalizados, através da arte, não busquem uma ilusão da realidade, mas uma realidade possível e ampliada.

17. Ações afirmativas na pedagogia

As ações afirmativas são atos ou medidas que têm como objetivos eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantir a igualdade de oportunidades e tratamento, compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização. Nesse sentido, requer um entendimento por parte da comunidade escolar que ultrapasse a ideia de mera ocupação do espaço por corpos assistidos por essas ações. O entendimento por parte de um processo artístico-político-pedagógico que partilha da ideia de uma pedagogia emancipatória, dever ser, e é, na escola, uma busca por redimensionar a prática que possibilite integrar outros conhecimentos e outros procedimentos de criação e de compartilhamento de conhecimento, ou seja, outros referências simbólicos.

Nesse caso, diante desse ponto de vista, onde a relação entre mestre e aprendiz ocorre sobre uma linha de horizontalidade, as ações afirmativas afetam o trabalho a ser desenvolvido pelos diferentes núcleos de formações. Pois, tornam-se espaços de uma investigação-ação e de uma pedagogia-ação com intuito de desenhar linhas metodológicas que operem a partir da afirmação de referências e modos de fazer outros que não os que historicamente foram ofertados e serviram de mecanismos de exclusão.

Se os corpos são dissidentes, são porque estão em relação ao que é “norma” numa produção artística (de narrativas, comportamentos e modelos de representações) e numa produção pedagógica de conhecimento e ensino que opera pela reprodução da desigualdade, onde os autores e saberes que se debruçam sobre outros modos de fazer, de ver, de falar são sistematicamente silenciados pela lógica educacional operante no sistema que se sustenta pela desigualdade.

Desse modo, as ações afirmativas têm por objetivo também interferir sobre esta normatividade, de modo que as produções artísticas, teatrais e literárias a serem interpe-ladas na relação entre mestre e aprendiz se baseiem em autores e autoras/ou produções sobre afro-brasileiros, africanos, ameríndios e da comunidade lgbtqi+.

As ações afirmativas vem para coroar a afirmação de que se o mundo é composto por forças em relação, não há um sentido único a ser desvelado por uma razão privilegiada, mas tantos sentidos quantas forem as configurações de forças dos quais derivam: múltiplas perspectivas e interpretações que afirmam a diferença e que, por isso, necessita de uma ação artístico-pedagógica que se desloque da narrativa hegemônica.

18- A ELT e a cidade de Santo André

A relação da escola com a cidade de Santo André é pauta constante em nossas discussões e fóruns. O pensamento do nosso trabalho como gestores desse espaço público, como criadores de obras artísticas e como formadores de artistas em teatro, deve se responsabilizar a trazer a dimensão pública desse projeto, buscando o diálogo com a sociedade civil e as/os trabalhadoras/es da cultura, sob o prejuízo de tornar a escola um projeto isolado, sem conexão com a vida teatral da cidade, portanto deslegitimado e frágil.

Durante esses 30 anos de existência da ELT é possível constatar que grande parte dos/as artistas de grupos de teatro independente, dos gestores culturais da cidade que hoje estão na secretaria e de educadores em arte, passaram pela escola. Essa constatação só aumenta a nossa responsabilidade diante de uma formação pública que pensa sua função e existência em rede, projetando futuro. Nos responsabiliza a criar dentro da escola um pensamento sobre política pública que prepare esses futuros artistas para intervir e se relacionar no cenário cultural da cidade. Apenas dessa maneira esse projeto público de formação pode legitimar sua existência de 30 anos.

Alicerçar um programa político pedagógico público dentro desses parâmetros, demanda firmar alguns pilares de ações que durante a existência da escola mostraram-se ora mais frágeis, ora mais potentes – mas que do ponto de vista desse documento não devem se perder nunca de vista: agregar os futuros artistas da cidade, manter diálogo com os artistas atuantes da cidade, criar espaço de debate e apresentação das obras dos artistas atuantes da cidade, ter na equipe docente artistas andreenses, participar ativamente dos conselhos de cultura de Santo André, manter diálogo com outros programas de formação da secretaria, criar projetos de formação de público e dialogar com a comunidade do entorno.

A partir desse ponto de vista reproduzimos aqui um trecho de um registro sobre essas questões elaborado pelas/os aprendizes:

- O grande mote da ELT é o teatro. Sabendo disso, como fazer chegar essa arte às pessoas que são da cidade e/ou estão ao redor?
- Os moradores de Santo André conhecem o espaço onde a ELT se encontra por se tratar do que chamam de “Antigo Teatro Conchita de Moraes”. Essa é uma referência boa, por fazer alusão a história da cidade, porém é necessário entender que as coisas mudaram bastante. Por isso, achamos importante discutir a seguinte questão: Como fazer com que a ELT se torne o ponto de referência daqui pra frente? A ideia não é fazer com que o teatro Conchita seja esquecido, mas sim associá-lo ao nome da Escola, para que ela seja também, reconhecida e lembrada, como patrimônio importante da cidade.
- Como tocar a curiosidade das pessoas a ponto de fazer com que elas se interessem e frequentem as dependências da Escola?
- Como dialogar com outros grupos artísticos de Santo André, à fim de criarmos uma frente, que mesmo com suas especificidades, esteja unida para luta.

Sobre os espetáculos:

- Não podemos fazer teatro só para estudantes e profissionais de teatro. Temos que chegar em todos.
- Dentro das obras encenadas, será que existe algo que afasta essas pessoas?
- Qual incômodo queremos gerar nas pessoas? Aquele que agride e afasta ou aquele que gera reflexão e transformação?
- Quão poroso podemos ficar sem perder a identidade e o cunho político que transforma?

Sobre característica específica levantada:

- A ELT é uma Escola que não tem uma cara só. É um local de muitos artistas, que caminham por várias linguagens. Isso faz nascer uma autonomia que cria diversas versões sobre o que é a ELT. Como podemos nos apropriar de um discurso único, que resuma o que é a Escola, sem perder essas autonomias e identidades importantes?

Ideias para estreitar essa relação com a comunidade:

- Resgatar os momentos históricos que a Escola fez parte dentro da cidade.
- Entender como o discurso chega melhor. É via redes

sociais? É via boca à boca?

- Um canal no Youtube.
- Conversar e frequentar outros espaços culturais da cidade. Estreitar relações e trocas entre artistas. Promover aulas de integração, conversas periódicas para pensarmos juntos sobre a cultura da cidade.
- Continuar promovendo fóruns internos e externos.
- Fazer aulas na praça.
- Tentar uma parceria e diálogo com a Escola Estadual que está ao lado da ELT.
- Abrir a mostra de processo do meio do ano para todos, e não só para alunos.

“Ao pensar no teatro como veículo do crescimento humano não quero dizer com isso (que se deva) transformá-lo em uma Tribuna ou em um púlpito, mas sim reconhecer no teatro suas próprias leis, sua realidade. Foi essa imagem, obsessiva, que norteou a implantação da Escola Livre de Teatro de Santo André. A de criar um espaço onde o nosso papel (o dos artistas orientadores) seria o de estimular o surgimento de “prospectores do teatro”. Ou seja, de artistas interessados em afirmar as potencialidades desta linguagem. Caberia a nós não ensiná-los, mas provocá-los.”

O alfabeto pegou fogo - ensino das Artes em Santo André
Maria Thaís





A photograph of children in an art studio. A large red fabric is draped across the top of the frame. In the foreground, a child in a red shirt and blue waistband is partially visible. To the left, two other children are looking at a piece of fabric. The background shows a wooden table with various art supplies.

ESCOLA MUNICIPAL DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA

Arte, criança e parque
Um desenho feito a mãos diversas



Escola Municipal de
Iniciação Artística
Aron Feldman



Um breve histórico

Como nasce a EMIA Aron Feldman

No intuito de criar parte de um Programa de Formação Artística na cidade, a Secretaria de Cultura, dirigida por Celso Frateschi sob a gestão do então prefeito Celso Daniel (1989-1992), convidou a educadora, pesquisadora e co-criadora da Escola Municipal de Iniciação Artística da cidade de São Paulo, a Dra. Ana Angélica Albano, para implementação de um projeto piloto em arte-educação no Parque Regional da Criança de Santo André no ano de 1990.

O casarão central do antigo haras Jaçatuba (atual Parque Regional Palhaço Estremilique) estava em boas condições para acolher a ideia e foi fundamental para a elaboração e realização ideais do projeto. “Férias no Parque” (como foi chamado o projeto piloto) que aconteceu em julho do mesmo ano. Abridor de alas do que viria a se tornar a escola de iniciação artística no parque da cidade, o projeto foi muito bem recebido pela comunidade local e pôde ser viabilizado graças a uma verba do governo federal para programas de férias para crianças. Foram convidados dez artistas educadores que conduziram a experiência inaugural daquele evento. O Projeto Férias no Parque ofereceu oficinas de Desenho e Pintura, Teatro, Pipa, Brinquedos de Madeira, Coral, Musicalização, Cerâmica, Dança,

Gravura e Batik, com duração de uma semana cada, em dois turnos: no período da manhã, as crianças de 07 a 10 anos, e, à tarde as crianças de 11 a 14 anos. Esse projeto piloto durou três semanas, sendo que a cada semana, os alunos poderiam se matricular em uma oficina diferente. As atividades aconteciam de segunda a sexta-feira, e o sábado culminava em apresentações e exposições dos trabalhos da semana, além da realização de um piquenique coletivo.

Com o sucesso do projeto das férias, a EMIA de Santo André ganhava corpo e visibilidade abrindo seus trabalhos de formação no ano de 1991. A experiência positiva daquelas férias fomentou, portanto, o nascimento de um projeto estendido de experimentação e formação nas artes. A Escola Municipal de Iniciação Artística da Cidade de Santo André foi nomeada oficialmente “Emia Aron Feldman” (em homenagem ao cineasta gaúcho, radicado em Santo André). No traçar de uma linha do tempo, vale pautar, que desde o período de sua origem, a escola passou por altos e baixos nas diversas combinações dos modos operandi da Secretaria de Cultura de cada mandato, tanto no que diz respeito ao setor orçamentário quanto ao setor operacional administrado pelas gestões vigentes até então. No entanto, mesmo com o movimento natural dos diversos encaminhamentos políticos acerca da Cultura, a escola se manteve ativa, relevante e atu-

ante na cidade³ até os dias de hoje (2019). Num futuro próximo a completar 30 anos de existência, a EMIA Aron Feldman tem mantido a sua dedicação inabalável no cerne do projeto inicial cunhado na arte, educação, liberdade, relação e criação artística - ferramentas tão palpáveis e pungetes no campo do “ser criança”.

Porta, porteira, portão

Da ordem, da segurança e dos direitos

Nossa demarcação de limite assim como o nosso sistema de segurança e proteção podem ser traçados pelo grande portão de entrada da escola. É preciso que ele seja forte e resistente, tal e qual vislumbramos que o Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiros o seja. Mais conhecido como ECA (Lei 8.069/90), o estatuto garante, entre tantos outros direitos assegurados, o direito ao acesso a cultura a toda a população infanto-juvenil; fato este que deve compreender desde o acesso aos bens e espaços culturais, ao ingresso a espetáculos eventos e exposição de artes, bem como a possibilidade da criança e do adolescente ser também um produtor de cultura. Para tanto, devem existir espaços públicos que possibilitem a manifestação cultural dessa parcela da população nas diversas artes. Assim sendo, trabalhamos para que a EMIA Aron Feldman possa andar de mãos dadas aos olhos e aos portões da lei.

Soleira

Do olhar aonde pisa

A EMIA é uma escola não formal de educação em artes. Uma referência de escola pública, livre e de cultura no país. Sua origem, estrutura e linha pedagógica marcam ao longo dos seus trinta anos uma pintura que colore as pegadas das crianças e famílias que por ali passaram e continuam a passar e vão deixando pelos caminhos a fora as gravuras da esperança de um mundo melhor. Um mundo possível de ser construído com as ferramentas do sensível.

Pedra fundamental

Pilar de sustentação do projeto-espaço: Casa-Escola-Parque

A EMIA existe e resiste, por assim dizer de um modo um pouco mais poético e um tanto quanto persistente,

devido ao cenário plural que ela desenha com as suas peças, ferramentas ou estruturas de base.

São elas: A Escola, A Casa, O Parque.

São muitas as combinações possíveis diante dessa tríade e devemos levar em conta os aspectos cognitivos, estruturais, psíquicos e emocionais que estão embutidos nessas peças, especialmente sob o ponto de vista da experiência-infância.

Compreendemos infância todo aquele período em que a superfície de contato esteja à flor da pele no calor da interação, da transformação do corpo e da formação da linguagem.

Fomentamos um espaço de atuação em que essas características encontrem terreno fértil de desenvolvimento, favorecendo assim a construção cultural de todos os frequentadores da escola.

Podemos considerar, portanto, que a sensação que o espaço Casa provoca é de aconchego e acolhimento. Um espaço seguro, reconhecível, confiável e afetivo. O “poder ficar à vontade” e protegido. Aquela brincadeira de ir e vir de olhos fechados. Uma espécie de ninho.

Naturalmente, estamos tratando do imaginário ideal de casa.

Já no âmbito do espaço Escola podemos configurar a geração do campo da curiosidade e do embate com aquilo que é a princípio desconhecido, a percepção do igual e do diferente, uma toca dos saberes, das trocas, do outro, da outra, dos encontros, dos atritos e fricções, o contato do “nós- outros” também. Uma toca em que habitam seres diversos para além da família já reconhecida. A escola/toca que rossoa um canto de “porquês?”, uma espécie de “rap” de interrogações, a toca das perguntas mais genuínas. É o personagem `aprendizagem´ ganhando destaque.

E assim, estamos tratando do imaginário ideal de escola.

E por fim, o espaço Parque vem para coroar a alquimia, o grande quintal, o mundo lá fora, o mundo que se vê da janela da casa, da escola. O contato fundamental com a natureza, com o horizonte e, sobretudo com a luz. Fazem parte desse encontro mágico os frequentadores do parque - crianças, idosos, homens, mulheres, cães,

3. Com um hiato nas atividades por conta de reforma no casarão 2007-2008.

gatos, corujas, pássaros, tartarugas, gambás... (e aqui não há metáforas, é tudo concreto mesmo) Estejam eles solitários ou em bandos, ou ainda namorando nos bancos, dispersos ou nas filas, nos pontos de encontro das excursões das creches, das igrejas, dos grupos de dança, ioga, parkour, etc. O Parque atua como paisagem pulsante, plural e impermanente. São as cores, os sons e os movimentos presentes na nossa lousa viva que é a EMIA. É o espaço entre a rua (vida fora) e a casa (vida dentro).

Não o bastante, estamos mais uma vez tratando do imaginário ideal de mundo.

É sobre essa premissa de potencial imaginativo que vive a EMIA. Pois, se através da arte temos as ferramentas básicas para conceber mundos imaginários, que criam e desenham no espaço e no tempo essas invenções e esses ideais, faz sentido e cada vez mais sentido, nós permearmos o trabalho da EMIA desses princípios pungentes.

Habitar uma casa antiga com todas as suas particularidades de estrutura e amplo espaço num contato de proximidade com a Natureza em meio à vida urbana foi uma das características fundantes e fundamentais para que o projeto pudesse nascer e se desenvolver com base no acolhimento, no encontro com o outro e no desenvolvimento de conhecimentos e práticas lúdicas com a ferramenta da arte, sobretudo, entre as crianças.

Vale ressaltar que para que a casa se tornasse uma escola e o projeto idealizado encontrasse um campo fértil de atuação, foram precisos ajustes na estrutura. Foi necessário que as salas aumentassem o seu potencial de conexão com os demais cômodos, alargando as portas internas, por exemplo, e adequassem os seus utilitários como pias, armários, bancadas, pisos, espelhos, etc., ao ambiente de atelier das artes em suas diversas particularidades do dia a dia.

Toda pedagogia da EMIA leva em conta, portanto, essa configuração espacial. Sem ela o projeto desabaria. Podem alterar-se, eventualmente, as atividades, as linguagens e os mecanismos de ação, uma vez que a pedagogia se move e se atualiza (ela deve ser capciosa, ousada e astuta nas proposições), porque se faz viva, no entanto, é nesse pilar de sustentação Casa-Escola-Parque com todos os sentidos aqui apontados que navegam as ideias dos coletivos que atuam direta-

te com os aprendizes dessa escola. É uma condição de trabalho artístico-pedagógica especial, não convencional e muito rica para o desenvolvimento motor, cognitivo, expressivo e cultural de todos os envolvidos. Por tudo isso, o cenário EMIA é um diferencial tão importante de ser destacado e preservado.

Sob as lentes dos princípios

A vista

Um dos aspectos pedagógicos mais trabalhados na Escola EMIA é o fomento da imaginação. Portanto, como se pudéssemos acionar com a mente gruas, lentes e efeitos especiais, este capítulo pretende fazer uma narrativa introdutória itinerante a se deslocar pelos arredores da casa a fim de apresentar a escola e trazer à luz do conhecimento o espírito político, artístico e pedagógico que habita essa casa escolar. Imaginem, todavia:

Uma escola dentro de uma casa.

A casa que vira escola.

Casa e Escola como uma só coisa.

E mais outras.

E outras.

Uma soma.

Uma escola dentro de um parque.

O parque como um quintal de casa.

Um quintal de casa que caiba eu, você, o outro e o infinito.

Uma multiplicação.

Logo ali tem um jacaré, um robô e um foguete.

Dá pra ver! Tem horizonte.

O sol se põe no leste quase sempre.

Tem gente.

Um espaço aberto, sideral.

Um quintal, uma trilha, um campo...

Campo pedagógico de atuação.

Casa – escola – parque – portão

Teatro

Circo

Dança

Escultura

Cultura

Criança

Arte e

Canção.

(poema de Michele Navarro, baseado em relatos dos alunos)



Engenho de dentro

A escola se localiza dentro de uma casa, que por sinal se localiza dentro de um parque que é localizado dentro de um bairro, dentro da cidade e se assim continuarmos mergulho adentro seguirão as conexões, as pontes, as redes, a cultura. A EMIA é uma Casa, Escola e Parque em simbiose no campo físico (arquitetura) e emocional (relações). É impossível tratar de educação, esportes, cultura e lazer sem zelar pelos seus espaços de fruição. E aqui, no Parque Regional da Criança – Pa-

lhaço Estrimilique, encontramos uma alquimia capaz de entrecruzar públicos em prol de um desenvolvimento cultural para a cidade. O espaço-parque e seu público geral (esportes, cultura e lazer) em relação ao espaço-escola e seu público geral (educação, cultura e lazer) coexistem e se entrelaçam naturalmente.

Sob os princípios de uma escola gratuita, democrática e pública, a EMIA tem o compromisso de zelar pela casa e por sua comunidade, de espalhar arte pelos seus arredores e manter as portas e janelas abertas para li-

vre circulação dos saberes e o livre acesso ao diálogo. A Escola, ao longo de seus 29 anos de existência, segue sob regência da Secretaria de Cultura da Cidade e atua hoje junto ao Conselho Municipal de Cultura, o Fórum Municipal de Cultura e à Comissão de mães, pais e amigos da EMIA.

A arte como principal matéria

(Matéria de substantivo feminino, substância extensível, divisível e suscetível de tomar todas as formas: a matéria como a causa permanente de todas as nossas sensações).

A EMIA é uma escola de portas abertas a todos os interessados no contato com a arte.

São oferecidos cursos de formação para as crianças e oficinas livres para adolescentes e adultos. A seleção se dá por via de inscrição gratuita. Antigamente, as vagas eram preenchidas manual e presencialmente na própria escola e os primeiros interessados garantiam a suas vagas nos cursos. Há relatos de filas quilométricas em dia de inscrição na casa e alguns casos isolados de confusão como “guardar lugar na fila”. Há dois anos, a inscrição é feita online e são submetidas a um sorteio aberto ao público. As vagas são preenchidas, em geral 20 vagas por curso, à exceção dos cursos de atelier de cerâmica que comportam até 14 alunos, no máximo, e uma lista de espera fica em vigência por 3 meses, sendo acionada nos casos de desistências ou não comparecimento no ato da matrícula. Para efetivar a entrada dos alunos e alunas no curso, os mesmos e as mesmas deverão preencher e assinar (maior responsável) ficha de inscrição e matrícula e estar de acordo com as condições de faixa etária da turma e disponibilidade exclusiva nos dias de rotina das atividades oferecidos. A escola acolhe as famílias em suas mais variadas identidades e combinações sociais, respeita e encara os desafios da inclusão social. A escola não tolera nenhum tipo de violência, discriminação de gênero, raça ou etnia.

É um trabalho em conjunto. Funcionários, profissionais contratados e usuários. O ambiente de trabalho é de permanente criação artística e de convívio entre artistas, professores, professoras, crianças, adolescentes e adultos. Os cursos oferecidos são Teatro, Dança, Música, Artes plásticas, Circo e Cerâmica⁴.

Vista da porta de entrada

(Os guardiões)

A EMIA oferece cursos de formação continuada em iniciação artística onde o público alvo são crianças de 05 a 11 anos de idade. Para tal, devemos contar com profissionais que atuam como artistas-educadores, ou seja, são artistas que entendem e circunscrevem os seus mecanismos estéticos autorais no campo pedagógico, sobretudo de fomento à criação artística, alinhando sua pesquisa e atuação ao universo infantil. O conjunto da equipe deve formar um perfil plural de linguagens culturais e deve ser representativo, abarcando profissionais de diversas idades, etnias, gêneros e experiências profissionais, pois o curso de formação continuada pretende dar cabo a grande rede de possibilidades de criação e de experimentação em arte. São cinco anos de formação com um propósito comum: criar campo fértil à imaginação, desenvolver mecanismos, jogos expressivos, criar relações. Desenhar, narrar, mexer (o corpo, as ideias), costurar, colorir, cooperar, compor, projetar, moldar. As linguagens específicas aparecem como passagem, nunca como fim, por isso estão quase sempre relacionadas a outras linguagens artísticas em nosso planejamento pedagógico.

Misto de linguagens

No caso dos cursos de formação, ao menos dois educadores devem tratar da preparação e desenvolvimento das aulas juntamente com a coordenação pedagógica, intrincando necessariamente as linguagens artísticas da vez.

O objetivo é que o aprendiz da EMIA, nessa fase (formação à iniciação artística) seja aquela criança que faz arte, ou ainda aquela criança arteira como diziam os antigos (com alguns ecos ainda vigentes na atualidade), no entanto, aqui na Escola o termo nos é muito caro e em nenhuma hipótese soará pejorativo, por isso, nossos artistas-educadores devem atuar com absoluto compromisso e desenvoltura em determinada linguagem, no entanto, promovendo sempre uma conexão rizomática com a arte e cultura em geral, atreladas ao universo da criança atual.

4. Com variações de ofertas de linguagens ao longo dos anos, dos orçamentos, dos projetos e das contratações.



Cursos optativos ou específicos

Voltados para alunos regulares do curso de formação para crianças, os cursos optativos ou específicos, os chamados cursos do segundo dia promove uma ação pontual em determinada tarefa. Inspirados no conceito de workshop ou mini cursos, uma atividade é proposta com o intuito de gerar um trabalho final de prazo pré-estipulado de até um ano sem intenção de prorrogação. As propostas variam e são elaboradas ano a ano, podendo focar aspectos pontuais das artes visuais, do teatro, das artes do corpo e da música, dentre outros.

Oficinas livres e/ou workshops para adolescentes

Voltadas exclusivamente para adolescentes de 11 a 17 anos (recém-saídos da formação EMIA ou não), essas oficinas, além de promoverem o acesso ao aprendizado da arte, acaba preenchendo uma lacuna da faixa etária citada para cursos de atividades artísticas específicas na cidade. As demais escolas de formação, à exceção da Escola Livre de Dança, não atendem a este público. Essas crianças em transição para a juventude não encontram outros

acessos permanentes. A casa EMIA atende a própria demanda gerada e abre espaço para novos adolescentes entrarem em contato com a experiência artística e desenvolverem suas expressividades no campo da iniciação artística.

Oficinas livres e/ou workshops para adultos

As Oficinas livres e/ou workshops para adultos atendem em especial os familiares que comumente acompanham as crianças em suas rotinas na escola e demais adultos interessados.

Elas visam, sob o conceito de iniciação artística, promover o contato com a arte, despertando a sensibilidade, a familiaridade com as ferramentas da escola, trazendo o frescor do aprendizado pelo lúdico e pelo afeto.

Aqui, a tradição é trabalhar com a cerâmica, uma vez que a escola dispõe de atelier e forno. No entanto, a depender de arranjos orçamentais, outros cursos também podem ser oferecidos eventualmente, uma vez que a aproximação das famílias para dentro de sala de aula fortalece o vínculo com a arte e a escola, reverberando no aprendizado das crianças.

Festividades

A EMIA é um espaço que possibilita a criação e realização de eventos de confraternização de momentos especiais a cerca do ano letivo, tal como encerramento das atividades do semestre, saraus, chá da tarde, cine clubes e afins. Em geral, com iniciativa e organização dos aprendizes e famílias.

Biblioteca viva

Projeto atrelado à rede de bibliotecas municipais. Trabalho de formação de público leitor a partir dos equipamentos culturais da Prefeitura, promovendo uma nova visão do papel das bibliotecas. Há um ano, a escola recebeu parte de um acervo da biblioteca central e recentemente somaram-se mais uma leva de livros novos, infantis e infanto-juvenis de excelente curadoria literária.

No entanto, a estruturação de catalogação e movimentação desses livros dentro da escola ainda não estão organizados de maneira adequada. É um item a ser melhor desenvolvido no próximo ano, uma vez que o universo dos livros é bastante explorado nas atividades e por todos os envolvidos na EMIA.

MIA vem, MIA vai

A escola recebe artistas e suas obras. A casa pode se comportar como palco, exposição ou palestras, por exemplo. É muito importante que a casa se flexibilize nas dinâmicas do fazer artístico. É mágico transformar o ambiente, e basicamente é este espírito de transformação que rege a casa todos os dias; nada permanece no mesmo lugar e isso acaba sendo, via causa e consequência, um dos pilares da nossa pedagogia. Habitar. Transformar. Quando recebemos artistas em casa temos a chance de conhecê-los mais de perto e nos sentirmos cada vez familiarizados e mais afetados pela arte. Portanto, artistas da cidade e de outras cidades que tem seus projetos pautados na arte são muito bem vindos. Do mesmo modo, sair de casa, conhecer e se conectar com outras realidades e outros ares em torno do fazer artístico também é importante, além de criar, evidentemente, vasto repertório para todos nós envolvidos com a EMIA. Isto posto, promover a entrada de artistas e suas obras na casa e a saída a concertos, encontros, exposições, saraus e outras aventuras culturais implica diretamente em razões essenciais ao projeto político pedagógico dessa escola.

Pelas janelas

A EMIA, desdobrada em cada letra, revela com a clareza do sol a que veio:

E [e s c o l a]: é uma escola, cria vínculos de importantes ordens e é precisa alicerces para se estabelecer com durabilidade no tempo e no espaço. Não confundir com “projeto”.

M [m u n i c i p a l]: pertence à cidade, é um equipamento da cidade, para a cidade. É preciso desenvolver noções de pertencimento e responsabilidade cidadã. Não confundir com “é da prefeitura”, vale ressaltar que é um bem comum, do município, é de todos, é nosso.

I [i n i c i a ç ã o]: o desconhecido. O frescor da primeira vez. Ensino e aprendizagem voltados às raízes básicas da experiência. Base é alicerce, é fortaleza. Não desqualificar a potência e o fundamento dos primeiros passos.

A [a r t í s t i c a]: que vem da arte. Que por sinal começa com “ar”. Arejar os espaços entre corpo e paisagem, criar linguagens, se abrir para o mundo, criar mundos.

Os objetivos pedagógicos gerais da escola

1. Promover o aprendizado nuclear da experiência.
2. Estimular o interesse da criança pelas linguagens.
3. Cultivar e desenvolver a sensibilidade da criança através do contato com acervos variados, dentro e fora da escola, fazendo pontes e se relacionando com as realidades próximas.
4. Propiciar uma experiência cultural ampla e significativa.
5. Promover uma aprendizagem baseada no fazer artístico; na criatividade e expressão; no conhecimento histórico; no senso crítico e estético.
6. Compreender as linguagens artísticas como atividades lúdicas integradoras, valorizando a voz e o trabalho individual e coletivo.
7. Possibilitar a vivência da arte como experiência rizomática.
8. Contribuir para o processo de crescimento e amadurecimento humano da criança.
9. Instrumentalizar a criança para a vida. Toda experiência por ela adquirida auxiliará e favorecerá o seu crescimento.
10. Desenvolver a capacidade de escuta, compreender o que a criança está a comunicar, a expressar. Enriquecer o potencial de diálogo.



11. Incitar, reconhecer, iluminar e desenvolver a relação horizontal entre todos envolvidos no grupo.

Claraboia

“É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e aos nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

(Jorge Larrosa Bondía)

Tomamos como base para todas as atividades da EMIA os princípios da primeira infância, onde mora o cerne da palavra iniciação. Além de representar uma linha pedagógica específica para os alunos de mia zero, transcriamos também essa base fundante para os demais cursos, no intuito de fazer um importante resgate da criança primária de cada fazedor de arte da escola.

Tomar conta, zelar, cuidar de cada detalhe da estimulação é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo em sociedade. Programas que desenvolvam adequadamente as crianças e promovam cuidados e atenção de boa qualidade, conseguem promover um

maior impacto na melhoria individual e social. Quando cuidamos bem da criança garantimos o desenvolvimento de pessoas virtuosas, de uma comunidade que se apoia em redes de saberes e afeto. Os primeiros anos de vida são determinantes na escada que vai se construir nos anos seguintes.

Primeira infância, “muito arteira essa criança”

Durante a primeira infância, a criança passa por situações extremamente relevantes como caminhar, comunicar, comer, reter, liberar e se emocionar. É também ao longo dessa fase que nós podemos acompanhar o desenvolvimento da atribuição de significado às coisas e às pessoas e o começo da autonomia em determinadas funções; circunstância ideal para os artistas-educadores se aprofundarem no tema “habilidades básicas” e criarem estratégias de estímulo, convívio e empoderamento para com as mesmas.

Dentre os fatores essenciais para o desenvolvimento da criança nesse processo estão a psicomotricidade, a



consciência fonológica, a interação social, a formação de vínculos de amizade e o fortalecimento de emoções. E é neste campo nuclear que a EMIA vai trabalhar com as crianças de cinco e seis anos, o chamado MIA ZERO. Elas estão vivenciando os últimos anos da primeira infância, no entanto, representam para a EMIA o marco primal da iniciação artística na escola, um dos nossos maiores tesouros - aquela criança que carregaremos internamente durante toda a vida e que neste momento estará exposta, à flor das descobertas. O período é marcado por profundas mudanças, há um aumento gradativo e significativo do vocabulário e um domínio considerável das expressões. A arte vem para ampliar esse repertório evitando que a criança se enquadre rapidamente em esquemas fechados e rígidos de linguagem, perdendo assim o brio da infância. A arte, nessa altura, pode marcar a vida da criança de uma maneira bastante salutar, além de servir também como uma fonte de registros primorosos da fase (que não volta atrás) através da pintura, do desenho e da escultura, por exemplo.

O módulo zero de iniciação artística pressupõe, portanto, mínima interferência no jogo expressivo já existente por natureza nessa etapa. A intenção do módulo é deixar a dinâmica das descobertas e desenvolvimento da linguagem fluir como num sonho. Cabe aos artistas educadores serem exímios observadores, mediadores de conflitos e muitas vezes atores das narrativas que se desenrolam em sala de aula. Aqui o protagonismo não é dos adultos. No MIA ZERO brincar junto e vestir a fantasia com as crianças é de fundamental importância.

Já nos MIAs seguintes, em decorrência do pico de desenvolvimento cognitivo e formação da linguagem na caminhada árdua e longa aos modos de relação adulta e outras demandas de aperfeiçoamento da escola formal, seguimos no apoio do fortalecimento da criança prolongando o estado de imersão iniciática da primeira infância, traçando pontes com as relações de construção, alimentando o repertório de ferramentas culturais, sem nunca perder de vista a sensibilização, o estado de pertencimento e a responsabilidade coletiva. Para tal, amplia-se consideravelmente a grade de horário. As crianças passam a ter duas aulas, sendo uma de artes integradas e uma de habilidade específica.

No chamado MIA UM, estamos lidando com crianças de sete e oito anos que apresentam alto pico de energia motora e características de pensamento lógico que se

desenvolvem com bases mais concretas. No espectro da curiosidade, a criança observa, analisa e tira suas conclusões. Além de diferenciar o “certo” e o “errado”, a criança também já distingue aquilo que te faz bem e aquilo que te faz mal. Aqui os vínculos de amizade passam a ser mais intensos e duradouros. Por isso tudo, as aulas ganham um suporte de trabalho corporal mais intenso onde a manifestação do corpo é pauta na elaboração dos jogos didáticos e dão vazão a uma série de fantasias que acabam se tornando narrativas artísticas. Além disso, as rodas de conversa tem um papel mais sistematizado, sendo realizadas geralmente no início e no final das aulas, garantindo a criação do campo do debate, da fala e da escuta e sobretudo adquirindo espaço e confiança na própria expressão e desenvolvimento da compreensão das atividades que o grupo desenvolve.

As crianças de nove e dez anos, do segundo módulo de iniciação artística, (MIA DOIS) já apresentam uma relação melhor com os aspectos do autocuidado e autocontrole (gestão do próprio corpo e comportamento) e são capazes de se colocar no lugar do outro com mais naturalidade, mostram empatia e preocupação com os sentimentos alheios. O potencial de tomada de decisão (aprendizagem e aplicação de conhecimentos) se torna mais evidente nessa fase e portanto as atividades do módulo devem levar em conta esse estágio de conquista de autonomia e ao mesmo tempo despedida do universo infantil e da própria EMIA, fortalecendo a punção iniciática como ferramenta para toda a vida. O trabalho deve estimular a percepção e reverência à trajetória alcançada até aqui. Neste módulo, os mestres e aprendizes devem reconhecer e apontar as habilidades artísticas e culturais que mais representam cada um e se empenharem canalizando saberes e desejos num projeto coletivo.

Entendemos por formação continuada um processo pedagógico dinâmico e permanente. Não se trata de se chegar a um fim ou a um “estar formado”. Compreendemos que o aprendiz da EMIA apresenta condições de “estar desperto” aos estímulos e as circunstâncias diárias. Um indivíduo agente e sábio da sua relevância e de seus grupos de afeto na cidade. No processo de formação, o aprendiz passa por estágios de convívio com a casa/escola que terá sua despedida nesse formato das artes integradas aos 11 anos de idade. Acreditamos que essa experiência pode dar condições ideais para uma escolha de curso específico como continuidade da formação (se for da vontade do

aprendiz) por outros programas da cultura da cidade que contemplem a faixa etária e a linguagem de interesse que poderá ser encontrado nas oficinas livres para adolescentes da emia ou nos programas das escolas livres de arte, por exemplo.

Pode entrar (Nossos cômodos)

O nosso saguão de entrada receptivo é a grande sala da casa. O lugar do chamado atendimento ao público. Mas como todo espaço na EMIA, uma sala pode virar uma nave. Por isso, ele foi pensado como um espaço multifuncional (exposição, reunião, aulas, palestra, sala de espera, palco, etc.). Muita gente entra e fica, é aconchegante como a sala de uma avó do interior. Muitas aulas começam ali e por ali acabam ficando. Em dias de chuva, o lanche das crianças acaba acontecendo por ali mesmo, ali no centro de tudo, no espaço de todos, muitos acompanhantes trazem seus afazeres pessoais para realizar enquanto aguardam os aprendizes e acabam por vezes construindo um “tricot” literal e metafórico entre todos. O saguão, portanto, é um espaço multiuso propício ao encontro e convívio da comunidade EMIA, em especial aos pais e familiares responsáveis pelas crianças.

A grande sala dá acesso a outros quatro quartos: O atelier de artes visuais, o atelier de música, o atelier de artes corporais e o atelier de cerâmica. São as nossas salas de aula, que na verdade são quartos, aquele lugar para chamar de nosso, pra andar descalço, onde guardamos os nossos pertences e nos sentimos mais íntimos. Quem dorme nesses quartos é a Arte. Durante o dia ela recebe os amigos aprendizes em casa! E todo mundo vai desenvolvendo essa intimidade e se sentido a vontade pra dormir e sonhar quando quiser.

Hora do xixi: Temos três banheiros na casa. Dá pra todo mundo. Pra toda gente. Nós não tínhamos tampo para os vasos sanitários e isso para os pequenos, às vezes, era um pouco complicado. No ano passado a comissão de mães, pais e amigos da EMIA conseguiu esse reparo e hoje nossos banheiros se mantêm impecáveis. Além disso, a comissão também adquiriu o filtro de água, porque um só não dava, afinal haja água para tanta criança!

Nós temos também um escritório, ao qual chamamos de secretaria, lá tem telefone fixo, que de uns tempos

pra cá faz um som rouco engraçado, mas tem funcionado! É só ligar pra gente no 4436-7437 que iremos atendê-los sem atraso. Temos também um computador básico, uma impressora e um bocado de outras miudezas. Poderia ali ser o quartinho dos brinquedos, mas não, lá a coisa é séria, é lá que são organizados todos os documentos e que são atendidas as necessidades de produção e administração da escola, é um ambiente mais dos adultos do que das crianças, apesar delas sempre passarem pra dar um olá ou pra ligarem para as mães. No geral, os materiais do escritório tem sido repostos, à exceção das tintas da impressora que apresenta uma demanda maior que a oferta.

O almoxarifado, este sim podemos chamar de “nosso quartinho da bagunça”, que se encontra hoje devidamente organizado! De tempos em tempos, ao menos duas vezes ao ano é preciso uma boa arrumação. Por ser um lugar de muito trânsito, é mais difícil se manter alinhado. Ali sim poderíamos também poderíamos chamar de “o quartinho dos brinquedos...” Os materiais de uso pedagógico funcionam como brinquedos-ferramentas nas mãos dos artistas-educadores. É um ir e vir diário. Nesse cenário, temos contado com a colaboração de doações de material, pois o uso é intenso e a reposição via prefeitura não tem sido viável.

Agora é hora da cozinha. O lugar do cheiro do café, do bolinho da tarde, dos encontros corriqueiros. É o momento do tempo e do cuidado que os funcionários e contratados tem entre uma aventura e outra. Uma casa sem uma cozinha não tem vida. É de lá que saem as pipocas da Valdira nos dias festa ou de chuva, que são guardados os bolos de aniversário, assim como é de lá que vamos buscar o gelo quando algum galo canta na cabeça do gira-gira.

Da lavanderia saem todos os recursos da limpeza desse casarão. A escola procura estar sempre limpa graças ao empenho da funcionária Valdira e do auxiliar Alexandre. A função deles é de extrema importância para a vida e o funcionamento da casa.

Saindo pelos fundos a gente encontra o forno. Sim, a EMIA tem um forno industrial de uso exclusivo para queima das peças em cerâmica. É uma tradição e um privilégio continuar a usufruir desse método de queima de peças destinado às atividades da escola. O forno deve contar com manutenção para se manter ativo.

Se olhar para cima tem um sótão. Se olhar para o lado

tem um casebre mal-assombrado” (como dizem as crianças). A “casinha”, como chamamos, já foi sede anexa da EMIA e funcionava como oficina e atelier de marcenaria, fotografia, entre outras artes, no entanto, ela se encontra há anos interditada por uma infestação de cupim.

Se olhar ao redor tem uma floresta, tem um mundo.

Seja bem vindo.

A olho nu

(O atual quadro da sala de estar)

Hoje, meados de 2019, a escola se mantém com um orçamento anual de 106 mil reais. As aulas são oferecidas de terça a quinta-feira no período da manhã e da tarde. Atende-se cerca de 160 aprendizes entre crianças, adultos e adolescentes⁴. Para tal, são contratados seis artistas educadores para a realização das atividades culturais. Dentre eles, quatro são mulheres (sendo uma responsável pela coordenação pedagógica) e atuam nas áreas de teatro, artes visuais e circo; mais dois homens atuantes nas áreas de música e cerâmica. Além desse quadro, agrega a equipe, desde os primórdios da EMIA, o trabalho de mais uma artista educadora da área de teatro, funcionária da secretaria de cultura do município, concursada especialmente para atuação na escola, com aposentadoria prevista ainda este ano. Somando, contudo, uma equipe pedagógica de oito artistas educadores. Os cursos oferecidos hoje são:

1. Cursos de formação em iniciação artística para crianças (permeados em Módulos de Iniciação Artística - MIAs):

• MIA zero A (crianças de 5 anos)

Carga horária: 1h15 semanal

Artes Visuais e Circo - manhã

Artes Visuais e Teatro - tarde

• MIA zero B (crianças de 6 anos)

Carga horária: 1h15 semanal

Artes Visuais e Circo - manhã

Artes Visuais e Teatro - tarde

• MIA um (crianças de 7 e 8 anos)

Carga horária: 3h semanais

Artes Visuais e Teatro - manhã e tarde

• MIA dois (crianças de 9 e 10 anos)

Carga horária: 3h semanais

Música e Cerâmica - manhã

Música e Circo - tarde

2. Oficinas optativas para as crianças da formação em iniciação artística (exceto MIA zero)

• Criação de histórias e confecção de livros

Carga horária: 3h semanais

• Oficina de técnicas circenses

Carga horária: 3h semanais

3. Oficinas de teatro para adolescentes (11 a 17 anos)

• Manhã e tarde

Carga horária: 3h semanais

4. Oficinas de cerâmica para adultos (acima dos 16 anos)

Manhã e tarde

Carga horária: 3h semanais

5. Oficinas livres

• Sábado na EMIA - EPAI: EMIA de portas abertas

Evento mensal - aberto a toda a comunidade

Carga horária: 2h a 4h

6. Ateliê de Cerâmica - Projeto Okupa

Coletivo formado na EMIA que mediante inscrição (anual) e projeto aprovados, desenvolve, no ano de 2019, suas produções e atividades dentro da casa a partir de inserção no projeto Okupa.

5. A escola tem capacidade para atender o dobro de alunos atendidos hoje, para tal, no entanto, necessitaria de mais recursos financeiros para a contratação de novos artistas educadores para o preenchimento diário de atendimento nos dias da semana (segunda a sexta-feira ou ainda, segunda-feira a sábado).

ENDEREÇOS

Escola Livre de Cinema e Vídeo

Avenida Utinga, 136 - Vila Metalúrgica

☎ 11 4461.2081  ELCV Santo André  elcv.art.br

Escola Livre de Dança

Rua Dr. Eduardo Monteiro, 410 - Bela Vista

☎ 11 4438.5021  Escola Livre de Dança  culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/23/

Escola Livre de Teatro

Praça Rui Barbosa, 12 - Santa Terezinha

☎ 11 4990.4474  Escola Livre de Teatro  culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/26/

Escola Municipal de Iniciação Artística

Avenida Itamarati, 536 - Vila Curuçá

☎ 11 4476.7437  Emia Aron Feldman  culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/24/

Gerência de Incentivo à Criação Artística

Secretaria de Cultura de Santo André

Praça IV Centenário, S/Nº - Centro

☎ 11 4433.0765  Cultura Santo André  santoandre.sp.gov.br

Em 2018, foi lançado um desafio a essas escolas: discutir a prática pedagógica existente em cada uma com suas comunidades, sistematizar essa pedagogia num plano político-pedagógico e tornar público esses documentos. Desde então, cada escola iniciou um processo próprio para aprofundar discussões internas que foi conduzido por seus coordenadores artístico-pedagógicos. Nesse processo, foram mobilizados alunos, familiares, professores e funcionários, construindo textos a muitas mãos e propiciando um grande momento de reflexão interna.

É esse documento que chega, agora, às mãos de toda a comunidade e em especial àqueles e àquelas que contribuíram nesse processo dialógico que consolida uma prática que há muito tempo é rotina na Secretaria de Cultura de Santo André, que é oferecer o melhor nas linguagens artísticas pensando em estimular processos criativos e transformar cidadãos.

